



**Universidade
Estadual de Londrina**

FERNANDA VENDRAMINI GALLO

**A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA IGREJA UNIVERSAL
DO REINO DE DEUS**

LONDRINA
2011

FERNANDA VENDRAMINI GALLO

**A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA IGREJA UNIVERSAL
DO REINO DE DEUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Orientador: Prof. Dr. Fábio Lanza

LONDRINA
2011

FERNANDA VENDRAMINI GALLO

**A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA IGREJA UNIVERSAL DO
REINO DE DEUS**

Trabalho de Conclusão de Curso

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Lanza
Orientador

Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva
Examinador

Prof. Dr. Flávio Braune Wiik
Examinador

Londrina, ____ de _____ de 2011.

DEDICATÓRIA

*Em memória ao meu carinhoso pai Marcos,
companheiro, amigo, exemplo de dedicação e
amor ao próximo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores, pelos seus ensinamentos e compreensão durante minha graduação, principalmente ao Professor Doutor João Valentin Wawzyniak (em memória), pelo apoio e incentivo à minha pesquisa, e ao meu orientador Professor Doutor Fábio Lanza, pessoa a quem meu mais sincero muito obrigada não é suficiente pela ajuda e compreensão que recebi.

Devo agradecimentos também às pessoas que perdi neste período e que sempre estarão presentes em meus pensamentos e no meu coração, minha bisavó/mãe Angelina, meu avô Alécio e meu amoroso pai Marcos, que me ensinou o que é ser perseverante e não desistir dos meus sonhos. Aos meus avôs Eva e Aparecido e a minha avó Aparecida pelo carinho que sempre me deram. E à minha mãe Marlene, pelo seu amor, carinho e amizade. Aprecio sua força e dedicação, uma verdadeira heroína.

GALLO, Fernanda Vendramini. **A Teologia da Prosperidade em Londrina**. 2011. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, denominação do segmento protestante neopentecostal cujo crescimento é um dos mais significativos no Brasil. O estudo foi realizado na cidade de Londrina mediante análise dos dados coletados em campo, uso de material bibliográfico e entrevista com o Bispo da Universal desta cidade. A pesquisa parte do pressuposto que as diversas modificações no campo religioso brasileiro, como a desmonopolização da Igreja Católica, a conquista da liberdade religiosa e sua acentuada pluralidade, permitiram a outras organizações religiosas se expandirem e buscarem legitimidade social e estabelecimento de uma presença institucional. A Igreja Universal do Reino de Deus é um exemplo que, por meio da sua influência religiosa e dos seus poderes econômico e político, bem como pela utilização dos meios de comunicação, soube explorar o meio cultural e socioeconômico em que estava inserida, conseguindo consolidar sua organização religiosa e conquistar sua legitimidade social. Deste modo, após as análises e interpretações sobre a construção do discurso iurdiano e da teologia da prosperidade, é possível entender que a atuação desta igreja torna-se mais atraente dentro da diversidade religiosa brasileira e conquista mais fiéis por se adequar a sociedade de consumo.

Palavras-chave: Sociologia das Religiões. Igreja Universal do Reino de Deus. Teologia da Prosperidade.

GALLO, Fernanda Vendramini. **The Faith Prosperity Doctrines on the Universal Church from God's Kingdom.** 2011. 64 f. Work Curoso completion (graduation). Estadual University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

This work consists of a study on the Pentecostal religious field, focused at the Universal Church from God's Kingdom (IURD), among the most influential in Brazil. The study was developed at Londrina – in southern Brazil – through the analysis of field collected data, the review of related literature and an interview with the regional bishop. The research assumes that the many modifications on the Brazilian religious field – such as the lost spiritual monopoly from the Catholic Church, the political achievement of religious freedom and its rich variety – allowed other churches to progress towards great social legitimacy and institutional presence. The Universal Church from God's Kingdom exemplifies the strategic use of spiritual influence, mass media and socio-cultural singularities in order to gain economical and political power, which highlights the role of the prosperity discourse. Therefore, a thorough analysis on the discourse and theology of prosperity offers a broader understanding on how IURD has increasingly gathered power, influence and adepts in Brazil – ahead of a myriad of religious organizations – due to its attractive suitability for a consumerist model of society.

Key Words: Brazilian Neopentecostal movement, Universal Church from God's Kingdom, faith prosperity doctrines

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 O PENTECOSTALISMO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	10
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....	10
2.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	15
3 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A IGREJA UNIVERSAL	22
3.1 FÉ E DINHEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO “O PODER SOBRENATURAL DA FÉ”, DE EDIR MACEDO.....	24
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS	54
ANEXO A – Entrevista com Bispo Paulo C. R. de Andrade	55

1 INTRODUÇÃO

Formadas a partir de 1970, as igrejas neopentecostais realizaram uma verdadeira renovação no significado do que é ser igreja. Caracterizadas pelo abandono dos hábitos e costumes, deixam os antigos estereótipos e inovam na criação de novos ritos, práticas e costumes.

A utilização da Teologia da Prosperidade é elemento fundamental a todas as igrejas neopentecostais. Essa Teologia marca a busca por felicidade, saúde e dinheiro, a partir da relação contratual estabelecida com Deus. Realizando uma inversão de valores, a Teologia da Prosperidade rompe com a ideia de que o sofrimento glorifica o homem e sua recompensa é além mundo, para exigir o "Paraíso" na Terra. Seus cultos são vistos como hospitais espirituais, onde são evidenciadas a cura física e emocional, a solução dos problemas afetivos e familiares, a libertação do Diabo e a prosperidade material. Acusada de charlatanismo, superficialidade teológica e outros adjetivos não tão prestigiosos por segmentos da sociedade e da mídia, em contrapartida a uma grande adesão popular, as igrejas neopentecostais, sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus, conquistaram espaço, poder e reconhecimento social, tanto na sociedade brasileira quanto no exterior.

Desta maneira, o objetivo do presente trabalho é entender a aceitação e desenvolvimento da Teologia da Prosperidade no Brasil por meio da Igreja Universal do Reino de Deus. Igreja esta cujo crescimento é um dos maiores no território nacional e se faz presente em todas as esferas da vida social, seja ela política, econômica ou assistencial. O primeiro capítulo consiste em uma análise das modificações e conseqüente pluralidade do campo religioso brasileiro, destacando o surgimento e influência de novos segmentos religiosos, como o neopentecostal.

No segundo capítulo, estudaremos a Teologia da Prosperidade sob o pressuposto de que esta é o elemento-chave para entendermos a adequação do agir religioso à sociedade de consumo. Faremos isso, a partir de um breve histórico e a caracterização desta Teologia, além da análise de sua utilização no livro "O Poder Sobrenatural da Fé", do bispo Edir Macedo.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia e a conseqüente análise e interpretação do material coletado em campo. A pesquisa de

campo tem um viés metodológico de caráter participativo nos cultos da Igreja Universal e inclui uma entrevista com roteiro semi-estruturado com o Bispo Paulo Cesar Ribeiro de Andrade em Londrina, Paraná.

2 O PENTECOSTALISMO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

De acordo com Pierucci e Prandi (1996, p. 09), “não é a religião enquanto conservação e permanência que deve interessar à sociologia, mas sim a religião em mudança”. A religião enquanto possibilidade de ruptura e forma de inovação, como mudança social.

Segundo os autores, no Brasil do Século XX a vida religiosa mudou em alto grau e velocidade.

O panorama religioso brasileiro tem mudado não só porque há pessoas que desertam de seus deuses tradicionais laicizando suas vidas e seus valores, mas também porque há outras que em número crescente aderem a “novos” deuses, ou então redescobrem seus velhos deuses em novas maneiras (PIERUCCI e PRANDI, 1996, p.10).

Para Maria Figueira, o conceito “evangélico” engloba três tipos de igrejas diferentes. As igrejas Protestantes históricas, como a Luterana, Presbiteriana, Metodista e Batista. As igrejas Pentecostais, como a Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Brasil para Cristo, Deus é Amor. E por fim, as Neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e outras (FIGUEIRA, 2007).

Segundo Ricardo Mariano (1999, p. 23), “o pentecostalismo brasileiro nunca foi homogêneo”. A fragmentação denominacional do pentecostalismo teve início na década de 1950, com a chegada dos missionários da Cruzada Nacional de Evangelização.

De acordo com Mariano, Freston (1993) foi o pioneiro em dividir o pentecostalismo em ondas. A primeira onda é a do Pentecostalismo Clássico, referente ao período de 1910 a 1950. Suas principais características são: anticatolicismo, ênfase no dom das línguas como dom do Espírito Santo, crença na volta de Cristo, negação dos prazeres terrenos e busca da salvação no Paraíso. As instituições mais importantes desta onda são: Congregação Cristã no Brasil (fundada em São Paulo, em 1910) e Assembléia de Deus (fundada em Belém, também em 1910) (MARIANO, 1999).

A segunda onda, conhecida por Deuteropentecostalismo, que surgiu nos anos de 1950, tem como elemento constituinte o evangelismo de massa focado na cura divina, dom este dado pelo Espírito Santo. As principais igrejas desta onda são: Brasil para Cristo (São Paulo, fundada em 1955), Deus é Amor (São Paulo, fundada em 1962) e Casa da Benção (Belo Horizonte, do ano de 1964) (MARIANO, 1999).

A terceira e última onda é a Neopentecostal. Este novo pentecostalismo surgiu nos anos 1970 e se fortaleceu ao longo dos anos 1980 e 1990. Como elementos que o caracteriza destacamos: a guerra contra o Diabo, a não utilização dos usos e costumes¹, a valorização do mundo e a Teologia da Prosperidade. As igrejas mais evidentes são: Igreja Universal do Reino de Deus (cuja origem data de 1977, no Rio de Janeiro), Igreja Internacional da Graça de Deus (originada no Rio de Janeiro, em 1980), Cristo Vive (fundada em 1986, no Rio de Janeiro), Comunidade Sara Nossa Terra (que se instalou em Goiás, em 1976), Comunidade da Graça (criada em São Paulo, em 1979), e outras tantas mais (MARIANO, 1999).

O crescimento do número de evangélicos é um elemento significativo para a compreensão das várias transformações ocorridas no campo religioso e político brasileiro. A secularização e redemocratização do Estado no Brasil nos séculos XIX e XX e o conseqüente enfraquecimento do poder da Igreja Católica, bem como a conquista da liberdade religiosa, permitiram a diversas igrejas buscarem espaço e legitimidade dentro da sociedade brasileira. A pluralidade e concorrência entre as igrejas consolidaram-se, de fato, na segunda metade do Século XX (MARIANO, 2003), destacando o acentuado crescimento das igrejas pentecostais, e, sobretudo, das neopentecostais, que souberam aproveitar dessas diversas modificações e do contexto econômico e social do país.

¹ “Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir uma conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais pura ascetismo de rejeição do mundo, segundo a definição weberiana, de modo a distanciá-los de coisas, atitudes, valores e instituições do incrédulo porém tentador mundo circundante” (MARIANO, 1999, p. 190). Assim, notamos a proibição de algumas vestimentas ou práticas estéticas, também a restrição a alguns espaços de lazer como festas com bebidas alcoólicas, cinemas, praias e outros mais.

As instituições religiosas começaram a perceber que não era a legitimidade tradicional que garantia sua sobrevivência, mas sim suas respostas às demandas da modernidade. Tinham que focar nas necessidades do presente e não mais na busca pelo passado. Desta forma, a religião é autoconsciente e consciente da relação que mantém com a ordem social e “a sociedade ou aspectos importantes dela podem ser reavaliados, criticados e mesmo rejeitados” (PIERUCCI e PRANDI, 1996, p. 13).

Estudar o pentecostalismo é um desafio ao pesquisador, pois ele é constituído por um conceito dinâmico, em constante transformação e exige sempre uma vigilância epistemológica para analisar as mudanças religiosas desse segmento. Com as rápidas transformações da sociedade, as religiões tradicionais não conseguem se ajustar ao contexto social atual e procuram preservar seus fiéis do mundo, fixando um universo fechado e previsível. Suas promessas de salvação são sempre relacionadas ao afastamento do mundo.

Com o surgimento do neopentecostalismo isso tudo se modifica. Nesta vertente, ser cristão e conquistar a salvação se caracteriza por viver bem, se libertar do Diabo para prosperar financeiramente, ter saúde e sucesso. Tal postura possibilita às igrejas neopentecostais se relacionarem com os interesses, valores e até prazeres do mundo (MARIANO, 1999).

Dario Paulo Barrera Rivera (1998) em “Pentecostalismo: uma religião sem memória?” realiza um importante debate sobre a rotinização do carisma e a importância da memória religiosa. A rotinização do carisma, segundo o autor, segue o esquema teórico weberiano, no qual, a crise da legitimidade do líder tem como consequência a perda do controle religioso e o esgotamento da utopia.

Na origem de uma religião, existe um evento fundante, gerador de uma utopia. As tentativas feitas para conseguir a realização dessa utopia dará origem a uma religião. A institucionalização será sempre um fato indispensável, por razões de administração geradas pelo crescimento, ou por razões políticas geradas pela necessidade de concentrar e controlar o poder simbólico-religioso (RIVERA, 1998, p. 101).

É neste contexto que surge entre os excluídos do poder uma religião contestadora, procurando relançar a utopia inicial, da forma como julgar correto. Não leva em consideração, desta forma, a importância da memória religiosa.

As religiões tradicionais e antigas têm em comum a referência ao passado. Um fato fundante que explica tudo o que existe. A tradição perpetua-se a partir da transmissão da memória. Essas religiões tradicionais possuem sistemas institucionalizados de preservação da memória, por meio de ritos e processos litúrgicos, que garantem sua reprodução e manutenção. As pessoas reconhecem a si como parte de uma tradição, a partir da “referência ao passado e lembranças comuns a outrem” (RIVERA, 1998, p. 103).

Este fato não vigora nas religiões modernas, como as neopentecostais. Pensar o conceito de tradição neste segmento religioso não é eficaz, pois, a dinâmica estabelecida pelo “reviver” o Pentecostes diariamente, substitui a estabilidade da tradição. “Nos novos grupos religiosos, os membros se reconhecem mais como parte de uma comunidade de fato e de espírito do que como parte de uma tradição” (RIVERA, 1998, p. 108).

Em seu livro “A realidade social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política”, Pierruci e Prandi (1996), realizam uma discussão sobre o conceito de internalização desenvolvido por Candido Procópio Ferreira de Camargo. De acordo com os autores, “no Brasil da segunda metade do século XX, a vida religiosa mudou e tem mudado em um grau, uma extensão e uma velocidade nunca dantes vistos em nossa história” (PIERRUCI e PRANDI, 1996, p. 09).

Essas modificações no campo religioso brasileiro contribuíram para a formulação do conceito de internalização por Camargo, ao estudar as modificações do catolicismo nos anos 1950. Neste período ocorreu a cisão entre a sociedade e a religião católica, levando seus seguidores a vivenciar uma maior liberdade de escolha (PIERRUCI e PRANDI, 1996).

Camargo parte do modelo weberiano que consiste na definição de dois tipos ideais de religião: as tradicionais e as racionalizadas. As religiões tradicionais são caracterizadas por se adequarem aos costumes e tradição. Já nas racionalizadas, seus valores religiosos não correspondem à realidade da sociedade, se caracterizando como autoconsciente, dotados de racionalidade (PIERRUCI e PRANDI, 1996).

Este assumir conscientemente um determinado comportamento religioso e, no mesmo movimento, este distinguir-se em oposição à religião tradicional, é o que Procópio Camargo chamou de internalização (PIERRUCI e PRANDI, 1996, p. 12).

As religiões internalizadas ganham notoriedade por produzirem ideias que questionam a sociedade ou elementos dela, podendo estes ser reavaliados ou até mesmo rejeitados. Promovem, assim, um processo de ruptura (PIERRUCI e PRANDI, 1996).

De acordo com Antonio Mendonça (1998), o pentecostalismo da década de 1950 é um movimento de reforma religiosa. Este movimento geralmente é promovido pelo grupo sem poder na instituição religiosa, que acusa/recusa seus líderes de serem desviantes das origens.

No protestantismo histórico, o fato fundante é a história de Jesus, entendida a partir da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero no início do Século XVI. Este fato forma um corpo de elementos únicos que é atualizado na liturgia e preservado na doutrina. A Bíblia, portanto, é a fonte da memória e a ela deve-se voltar continuamente.

Já no pentecostalismo, o fato fundante é a experiência do Pentecostes. Este acontecimento não é algo único e isolado, que deve ser atualizado a partir de um processo racional por meio da liturgia, mas sim revivido pelo seguidor, fazendo parte de um processo emocional². Desta maneira, pensar o pentecostalismo a partir do conceito de tradição é inapropriado. Sua eficácia está na dinâmica. O vazio da tradição pentecostal é preenchido pela experiência, pela ilusão do “eterno presente”, que dá suporte para elaboração de um novo sistema de representação simbólico no campo individual e coletivo (RIVERA, 1998).

No decorrer dos anos 1970 e 1980, o número de igrejas não católicas e seus adeptos cresceram em grande quantidade no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³ (IBGE, 2000), na década de 1940 eles atingiam o percentual de 2,6% da população brasileira. Em 2000, somavam mais de 26 milhões de pessoas, correspondendo a 15,4% da população. Entre os anos de 1991 e 2000 o crescimento foi de 4,7% a 5,3%, um índice muito maior do que em outros períodos, destacando que sua principal expansão ocorreu no fim do Século

² “Todos os nove dons do Espírito Santo também nos são acessíveis nos dias atuais, como partes integrantes da obra expiatória do Senhor Jesus Cristo.” Informações extraídas da matéria “Em que cremos” (ARCA UNIVERSAL, 2011).

³ IBGE. Censo Demográfico 1940-2000 - Estatísticas do Século XX. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

XX. Os pentecostais possuem um papel importante nesse avanço, contribuindo com um crescimento anual de 8,9%.

Em Londrina, de acordo com o Projeto Londrina 2000⁴, 59% das instituições são evangélicas, num total de 353 igrejas, média maior que a do próprio Brasil. Dentre elas, 177 (42,96%) são pentecostais, sendo que 5 (2,82%) são pertencentes à Igreja Universal do Reino de Deus (MUZIO, 2004).

Alexandre Brasil Fonseca em “Aspectos da presença religiosa em Londrina: situando uma pesquisa” (2001, p. 235) afirma que “de um modo geral a religiosidade na cidade de Londrina assemelha-se à da sociedade brasileira, sendo que na cidade há uma presença cristã (evangélicos e católicos) mais significativa”.

Segundo a reportagem do dia 15 de maio de 2011 do jornal Folha de Londrina, em 2010 o número de evangélicos era de 97 mil para 304 mil católicos, representando 21,7% da população. Estima-se que este número possa ter aumentado para 157 mil pessoas - ou 31,3% da população -, conforme o Censo de 2010 (cujos números ainda não foram divulgados).

2.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus - também conhecida por IURD é um exemplo de igreja que, por meio da sua influência religiosa e dos seus poderes econômico e político, bem como pela utilização dos meios de comunicação, soube explorar o meio cultural e socioeconômico em que estava inserida. Conseguindo consolidar sua organização religiosa e conquistar sua legitimidade social, destaca-se como uma das igrejas que mais cresce no Brasil.

Fundada em 1977, no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio de Janeiro, no local de uma ex-funerária, a Igreja Universal se destacaria como uma das principais instituições religiosas do país. Fruto de uma cisão com a pequena Igreja Nova Vida, a IURD, juntamente com seu líder carismático Edir Macedo, passou a representar ao longo dos anos um exemplo de instituição com excelente

⁴ O Projeto Londrina 2000 foi realizado pela união do Departamento de Pesquisa do Serviço para Evangelização da América Latina (SEPAL) com dois seminários evangélicos da cidade, suas atividades foram mapear os locais de cultos das mais diversas religiões. Foram 513 locais mapeados, sendo eles 353 evangélicos com o percentual de 70% de pentecostais, 75 católicos e 54 espíritas (FONSECA, 2001).

administração, grande participação política e com significativa influência interna e também no exterior, ao fundar templos em outros países (OLIVA, 2005).

A partir de seus cultos, a Igreja Universal se concentra nos problemas do dia a dia. Entra na vida social das pessoas que a frequentam, nas dificuldades e conflitos, de tal maneira que as aflições humanas são amenizadas. A ausência de sentido do cotidiano motiva as pessoas a buscarem seu preenchimento no espaço sagrado. Homens e mulheres apagados na sociedade ganham espaço como obreiros, missionários, pastores. A eles é permitido uma reconstrução de sua identidade a partir da religião. Assim como afirma (LANZA e NEVES, 2011, p. 12)

[...] o culto é a expressão coletiva de fé e louvor, regido por uma forte emoção, com hinos alegres e vibrantes que mexem com todo o corpo dos fiéis- as mãos, os braços, as pernas, os quadris- e cujas letras simples, com refrões repetitivos e compreensíveis, falam do poder de Jesus Cristo e da fé.

Os fiéis são homens e mulheres que não possuem condições de usufruir das riquezas materiais oferecidas pelo mercado, tão pouco frequentar lugares que pessoas que respondem à expectativa do mercado frequentem (LANZA e NEVES, 2011).

É onde não existe censura a quem expresse sentimentos como tristezas, dor, alegria, onde se é recebido por pessoas na porta da Igreja com sorrisos nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras (LANZA e NEVES, 2011. p. 11).

Entretanto, mesmo que o desenvolvimento do pentecostalismo se encontre na base da pirâmide social, é importante ressaltar que a pobreza não é a causa fundamental do seu crescimento. As igrejas passaram a ser um espaço de vida social, onde grupos antes marginalizados socialmente adquirem um sentimento de pertencimento. Além disso, a influência de segmentos religiosos como a Igreja Universal espalha-se por diversos meios, como pela comunicação, pela política, pela assistência social e até mesmo pelo comércio de produtos religiosos.

Diferente de outras igrejas, como a Católica por exemplo, a Igreja Universal (IURD) não dissemina ensinamentos doutrinários. Ela oferece a realização dos desejos terrenos por meio de Deus exibindo, de todas as maneiras,

testemunhos, milagres, bênçãos e curas. A utilização dos canais de TV⁵ e rádio para tais fins funcionam perfeitamente como meio de atração.

A IURD é dona de diversas redes de TV como a Rede Mulher e Rede Record⁶, a terceira maior rede de televisão do país. É dona também de gravadoras - como a Line Records - e Gráficas - Gráfica Universal, Editora Universal Produções e Ediminas S/A. Possui ainda 62 emissoras de rádio apenas no Brasil, e a produtora de vídeos Frame (MARIANO, 2004).

A Folha Universal é também um importante veículo de informação destinado ao processo de evangelização, “além de abranger em seus editoriais notícias diversas sobre esporte, lazer, saúde, entretenimento, problemas sociais, econômicos e políticos, no âmbito nacional e internacional” (BARBOSA, 2010, p. 17). Desde 1992, a Folha Universal é o jornal evangélico com maior circulação não só no Brasil como no mundo, com tiragem de 2.370.400 exemplares (FOLHA UNIVERSAL, 2011).

As igrejas neopentecostais e, sobretudo, a IURD se tornaram grandes empresas lucrativas. Esta última, fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo, possui mais de 18 milhões de fiéis espalhados por mais de oitenta países. Dentre as posses já mencionadas, ela possui ainda duas seguradoras (Construtora Unitec e Uni Corretora) e a agência de turismo New Tour (MARIANO, 2004). Tanto no Brasil como no exterior, portanto, tem grande influência por meio do sistema de comunicação bem como pelas instituições financeiras. Ricardo Mariano (2003, p. 121) afirma que na IURD:

Sua organização empresarial, liderada por um governo episcopal centralizado em seu fundador e bispo primaz, se baseia na concentração da gestão administrativa, financeira e patrimonial, na formação de quadros eclesiástico e administrativo profissionalizados, na adoção de estratégias de marketing, na fixação de metas de produtividade para os pastores locais, [...] arrecadação de recursos, num pesado investimento em evangelismo eletrônico, empresas de comunicação e outros negócios que orbitam em torno de atividades da denominação, na abertura de grandes templos e na provisão diária, metódica e sistemática de elevada quantidade de serviços mágico-religiosos.

⁵ Diferente dos norte-americanos, a igreja de Edir Macedo não tem como objetivo construir uma igreja na TV, mas chamar o público para a igreja (BARBOSA, 2010).

⁶ Com apenas 13 anos de existência, a IURD comprou a emissora Rede Record por US\$ 45 milhões, levantando suspeitas e críticas e foi alvo de intimações e processos da Polícia Federal, Receita Federal e Ministério Público (BARBOSA, 2010).

O pastor é aquele que representa Deus e o fiel, por sua vez, tem a obrigação de acreditar piamente nas suas palavras e mandos. Um pastor na IURD é orientado para arrecadar a maior quantia de ofertas possível e, conseqüentemente, arregimentar o maior número de fiéis. Como afirmam Pierucci e Prandi (1996, p. 258-259), na IURD,

Seus pastores são empreendidos com baixa ou nula formação teológica, mas que devem demonstrar grande capacidade de atrair o público e gerar dividendos para a igreja [...] administrada pelo bispo (Macedo) [...] a igreja já estruturada como negócio.

A influência da IURD se estende para a esfera da vida material até o espaço da política. Segundo Ari P. Oro (2003), ela vem produzindo um “efeito mimético” sobre outras igrejas até mesmo as não evangélicas como a católica, onde o desejo de participação destas no poder institucional e sobre o eleitorado é mediado pelo papel desempenhado pela Universal.

A IURD ingressou na política em 1986, quando elegeu um deputado federal, e não parou mais desde então. Neste contexto, merece destaque seu desempenho nas eleições de 1998, quando elegeu 17 deputados federais e 26 deputados estaduais (ORO, 2003). Em 2002, elegeu 16 deputados federais vinculados à própria igreja e mais 19 deputados estaduais, que representavam 10 estados (BARBOSA, 2010). A Universal utiliza o modelo corporativo da “candidatura oficial”, no qual o candidato é lançado a partir do quociente eleitoral do partido e da quantidade de fiéis votantes no local. O discurso para tal fim é voltado para o combate das “forças invisíveis” que atuam na política e dos políticos corruptos que trabalham para forças demoníacas. Sendo assim, é necessário que os homens de Deus elejam pessoas boas e tementes para tais cargos.

A racionalidade empregada na política para a conscientização e direcionamento dos votos de seus fiéis é também empregada no espaço simbólico, sustentada por crenças e valores. O voto passa a ser guiado pelo compromisso cristão de salvar o país do mau, estabelecendo uma nova moral e ética na política.

Ricardo Mariano em “Religião e política nas eleições presidenciais de 2010” (2011) apresenta os dados mais atuais. De acordo com ele, nas eleições de 2010, ficou evidente a importância do voto evangélico. Desde a redemocratização

os pentecostais são procurados pelos partidos e candidatos, mas foi nesta última eleição que a procura do apoio dos segmentos religiosos ficou evidente, destacando o papel da Igreja Universal (MARIANO, 2011).

Diante de levantamentos de políticas importantes como a legalização do aborto e união homo-afetiva, várias foram as estratégias políticas/religiosas para conquistar os votos. A candidata Marina Silva, do Partido Verde (PV) e missionária da Assembléia de Deus

Para desancar a pecha de “pessoa limitada, reacionária e conservadora”, preconceitos dos quais reclamou ter sido vítima por “professar a fé cristã evangélica”, estrategicamente, defendeu a laicidade do Estado brasileiro e opôs-se à tomada de posturas religiosas sectárias na esfera pública em relação ao aborto e aos direitos homossexuais (MARIANO, 2011, p. 04).

Já Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), declarou ser católica na tentativa de diminuir a rejeição de lideranças religiosas como as católicas e evangélicas, principalmente depois da carta contra sua candidata publicada no site da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB⁷), pelo bispo de Guarulhos D. Luiz Gonzaga Bergonzini, e das acusações dos bispos da Regional Sul 1 da CNBB de São Paulo, sobretudo Dom Aldo Pagotto, de implantar uma “cultura da morte”, com relação ao aborto. Mesmo diante desta realidade, Dilma conseguiu o apoio do Partido Social Cristão e de outras 15 denominações religiosas, entre elas: Igreja Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, Convenção Nacional das Assembléias de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus, que teve seu líder Edir Macedo autodeclarado aliado e cabo eleitoral da candidata, por carta publicada em 29 de setembro de 2010 (MARIANO, 2011).

Na tentativa de contra-atacar sua principal oponente Dilma Rousseff, o candidato José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), fez uso de um discurso conservador, fiel à moralidade cristã. Conseguiu apoio de dirigentes da Convenção Geral das Assembléias de Deus, do líder religioso Silas Malafaia e

⁷ “Inicialmente, o golpe mais incisivo foi dado em 19 de julho, quando D. Luiz Gonzaga Bergonzini, bispo de Guarulhos, emitiu carta, publicada no site da CNBB e de lá retirada pouco depois, recomendando aos católicos que não votassem em Dilma porque seu partido defendia a legalização do aborto” (MARIANO, 2011, p. 09). O site da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil está disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

dirigente da Associação Vitória em Cristo, da Igreja Bola de Neve e da Igreja Mundial do Poder de Deus.

Pesquisa realizada pelo Datafolha em 29 e 30 de outubro revelou que Dilma e Serra tinham 51% e 41% dos votos respectivamente no final do segundo turno. No conjunto do eleitorado a diferença entre os candidatos era de 10 pontos percentuais. Já entre os pentecostais, a petista superava o tucano por 47% a 44%, diferença de apenas três pontos. Entre os protestantes históricos, ambos os candidatos empatavam em 45%. A distância entre a intenção de voto do conjunto do eleitorado e a dos protestantes em relação à candidatura Dilma era esperada, já que os eleitores de maior renda e escolaridade, caso de boa parte dos protestantes, afirmaram que iriam votar majoritariamente em Serra.

Já os pentecostais, por terem baixa renda e baixa escolaridade, inferiores inclusive que à média da população, têm perfil social semelhante ao do eleitorado que inclinou-se a votar majoritariamente na candidata petista (MARIANO, 2011, p. 19).

Os líderes iurdianos afirmam com total convicção que sua igreja por seu notável crescimento é perseguida pelo Estado ainda submisso à Igreja Católica, cabendo aos fiéis votarem nos seus candidatos, pois, somente eles têm o compromisso de defender a igreja e seus interesses (NUNES, 2006). Na Folha Universal de julho de 2006 (n. 746) os fiéis são convidados a lutarem por seus direitos:

[...] o povo de Deus tem que ficar atento nas próximas eleições, escolhendo os melhores candidatos. Se ficarmos indiferentes à política e não lutarmos pelos nossos direitos, os corruptos entrarão novamente [...]. Sabemos das perseguições que a Igreja do Senhor Jesus enfrenta, por isso, temos que votar em homens e mulheres de Deus para deputado federal, estadual e governador. [...] Quando tomamos atitudes com sabedoria e votamos em candidatos ungidos com o Espírito Santo, com certeza, a história da política brasileira será outra (FOLHA UNIVERSAL apud NUNES, 2006, p. 131).

Já com relação à arrecadação financeira, a Igreja Universal segue a lógica da Teologia da Prosperidade e é feita a partir da persuasão. O dízimo é pedido durante todo o ritual. Nas falas do pastor, sempre há a acusação do roubo a Deus, pois o dízimo, de acordo com a igreja, é a décima parte que Deus - o dono de toda a riqueza - pede de volta para a evangelização. Somada a esta prática está a crença nos sacrifícios, que nada mais são do que aplicações financeiras. As pessoas são levadas a darem uma grande quantidade de dinheiro para se tornarem sócios de Deus e se privilegiarem de suas bênçãos. Esta relação financeira que se

estabelece dá liberdade ao fiel de reivindicar as boas promessas feitas por Deus, como vida plena e feliz. Analisaremos com mais detalhes no próximo capítulo “A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal”.

3 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A IGREJA UNIVERSAL

De acordo com Pierucci e Prandi (1996, p. 17), a conversão acontece por meio de uma experiência fora do espaço sagrado

[...] quando a medicina falha, a racionalidade econômica frustra, a certeza dos propósitos rui, que as alternativas religiosas se mostram como respostas. É no momento da crise existencial que a conversão se dá, quando se manifesta a cura, quando o problema se resolve, quando a vida recupera o sentido e a religião se propõe como conjunto de símbolos capazes não somente de redefinir o mundo mas sobretudo de transferir a eficácia da religião do exterior da pluralidade religiosa para o interior do próprio eu do converso.

Reunindo promessas de prosperidade financeira, saúde, alívio dos sofrimentos e a derrota sobre o Diabo, a teologia da Prosperidade surge nos Estados Unidos na década de 1940. Constitui-se, de fato, como movimento doutrinário na década de 1970, momento em que encontra apoio nos evangélicos carismáticos (MARIANO, 1999).

A Teologia da Prosperidade realiza uma inversão de valores, reinterpretando e ajustando os ensinamentos bíblicos para a adequação à sociedade de consumo imediato. Se antes a recompensa pelo sofrimento que glorificava o homem se dava além mundo, agora a valorização se dá na boa vida terrena.

Ora, o Criador, Senhor do universo, tem direito sobre todas as coisas por ele criadas e, ao reconhecer os homens como seus filhos, no momento da conversão, coloca todas as coisas ao dispor deles, porque os tomou sob sua proteção para serem abençoados e terem êxito em seus empreendimentos (MONTES, 1998, p. 119-20).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade se desenvolveu nos anos 1970, sobretudo em igrejas como Renascer em Cristo, Cristo Vive, Nova Vida, Internacional da Graça, Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras. As duas últimas, porém, são as que mais dão ênfase à prosperidade financeira (MARIANO, 1999).

O estilo de vida socialmente reproduzido na modernidade resume-se, segundo Mary R. G. Esperandio (2007, p. 89), pela proposta de felicidade plena baseada na posse de “dinheiro, saúde e bem-estar”. Idealizada como forma “natural” de se viver.

Este ideal produzido na contemporaneidade não é questionado, mas sim consolidado pelas técnicas que surgem para conquistá-lo.

Neste contexto, a experiência religiosa fomentada pela IURD apresenta-se como legítima, no sentido de que sua missão e finalidade constitui-se como uma, entre outras alternativas sociais, que portam uma promessa de felicidade e de fim ao sofrimento e se propõem a ajudar o sujeito a alcançar os ideais criados na contemporaneidade (ESPERANDIO, 2007 p. 89).

Edir Macedo, líder da Igreja Universal, explica que a relação que desempenhamos com Deus é uma relação de sociedade: “o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer” (MACEDO, 1990, p. 86).

Deus é um sócio que tem obrigações a cumprir, cabe ao fiel exigilas. “Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido (...) O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica também para Deus” (MACEDO, 1990, p. 36, 54).

Nessa relação contratual que se estabelece com Deus, o crente deve ter uma fé inabalável e ser fiel ao dízimo. Os pastores alertam que não tem influência sobre a resposta de Deus aos pedidos e seu papel é servir de intermediário para afastar a força do mal para que sua obra possa se realizar. Afirmam também que só não prospera aquele que não tem fé, não respeita os ensinamentos da Bíblia e está em relação, mesmo que indireta, com o Diabo. Ou seja, a responsabilidade é sempre do fiel e nunca da igreja.

O dízimo é a décima parte dos cem por cento oferecidos por Deus. “Tá amarrado” (Informação verbal)⁸ aquele fiel que, estabelecendo relação com o Diabo, não oferta a quantidade de dinheiro pedida. Aquele que recusa ofertar o dízimo, está negando o apoio financeiro à obra de evangelização e, portanto, deixa de receber as bênçãos de Deus.

Utilizando dessa estratégia, a Igreja Universal evidencia que para firmar o contrato com Deus é necessário o pagamento do dízimo e a realização de

⁸ Palavras ditas em diversos cultos, assistidos nos anos de 2009, 2010 e 2011, ao longo da execução dos Projetos de Iniciação Científica vinculados a PROPPG na condição de bolsista. Sob orientação do Prof. Dr. Fábio Lanza.

ofertas - os chamados sacrifícios -, como forma de provar a fé. Este sacrifício é a moeda de troca com o sagrado e o termo de compromisso assinado por este com o fiel, seu sócio (ESPERANDIO, 2007). Quanto maior a manifestação da fé por meio da oferta, maior a benção recebida. Ou seja, quanto mais se dá, mais se recebe.

“É necessário dar o que não se pode dar. O dinheiro que se guarda na poupança para um sonho futuro, esse dinheiro é que tem importância, porque o que é dado por não fazer falta não tem valor para o fiel e muito menos para Deus” (MACEDO, 1989 apud MARIANO, 1999, 170).

É nesse contexto que são implementadas iniciativas como a “Campanha do Coração”, promovida pela Igreja Universal, na qual o crente é motivado a doar todo o seu salário para provar que seu coração é cem por cento de Deus, com a promessa de receber cem por cento de tudo o que deseja. Assim, como forma de justificar o grande poder de arrecadação, a Teologia da Prosperidade impulsiona o crescimento de igrejas como a Universal e se torna uma doutrina atraente a muitas igrejas.

3.1 FÉ E DINHEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO “O PODER SOBRENATURAL DA FÉ”, DE EDIR MACEDO

No discurso iurdiano, há a valorização do consumo, do status conquistado a partir deste e do estilo de vida das classes altas. Para tal, a igreja oferece ferramentas para solucionar problemas financeiros, familiares e outros mais. Nas palavras do autor, “sem fé é impossível agradar a Deus e fé é a certeza de algo que se espera” (MACEDO, 2008, p. 14). Neste contexto, segundo Swatowski (2007), a fé é o meio de conquistar as bênçãos, de “sair do vermelho”, de adquirir status ou acabar com o sofrimento.

Segundo Macedo (2008, p. 142) o objetivo do seu livro “O Poder Sobrenatural da Fé” é tornar a fé do leitor independente da fé alheia e prepará-lo para conquistar muitas vitórias. Fé, para o autor, é “resultado exclusivo de ouvir a Palavra de Deus”.

Esta importância dada à “Palavra” é elemento fundamental em todos os argumentos apresentados. De acordo com Macedo, “somos servos daquele a quem obedecemos a palavra” (MACEDO, 2008, p. 13). O Diabo está sempre

tentando destruir o que Deus concedeu. Cabe ao cristão lutar para manter sua fé e salvação.

No momento das ofertas, por exemplo, o pastor obedece a Palavra de Deus ao pedir e o Diabo usa de pessoas amigas para criticar.

As pessoas amarradas pelas críticas diabólicas precisam se conscientizar de que são obrigadas a dar nada na Igreja, e menos ainda a ouvir o pastor pedindo, embora seja este um direito dele e uma obrigação ensinar o povo a dar para receber (MACEDO, 2008, p. 19).

Para Macedo, o Diabo utiliza da mentira para se opor à verdade. Assim, ele impede que ela seja aceita e executada. Utilizando deste argumento, o autor critica as outras religiões. Segundo Macedo, o Diabo as utiliza para distorcer a verdade, causar intrigas entre familiares e aproveitar-se de emoções humanas como medo e preocupação. “Ora, isso é altamente prejudicial à fé, pois fé é certeza de coisas que se esperam não a certeza de coisas que se sentem” (MACEDO, 2008, p. 30).

Segundo Montes (1998), apesar da doutrina proselitista oriunda dos Estados Unidos, a IURD realiza uma retradução doutrinária na linguagem brasileira. Acompanhada da adoção da Teologia da Prosperidade estão dois princípios que a integram. O primeiro e fundamental é a concepção de que Deus é o dono de todas as coisas e, como filhos, temos o direito de tomar posse do que nos pertence como herança, e sermos bem sucedidos em todas as áreas da vida. Como resultado deste, o segundo princípio é o da guerra espiritual.

Se todas as pessoas são filhas de Deus, por que algumas não prosperam? De acordo com a Teologia da Prosperidade, é a relação com o Diabo que impede essas pessoas de terem sucesso. Uma vida de pecados, vícios, pobreza, fracassos, representa o afastamento de Deus. Assim, entre a vida do presente e a prosperidade prometida está a incansável guerra espiritual que o fiel deve enfrentar diariamente.

Poderíamos pensar que afastando-se do catolicismo, a doutrina neopentecostal se aproxima do protestantismo da predestinação. Como é conhecida em Weber (1981), a ideia de predestinação está relacionada ao êxito material como evidência da escolha de Deus, de maneira que o trabalho é uma vocação e a economia e o enriquecimento são indícios de salvação.

Porém, afirma Maria Lucia Montes (1998, p. 210), “a teologia neopentecostal incorporou o *espírito do capitalismo*, mas fazendo a economia da *ética protestante*”. A ética, agora, é a da aposta. É na aposta que está a salvação e a prosperidade material, e não mais no trabalho. Utilizando a ideia que é “dando que se recebe” fazem uma oferta esperando a resposta de Deus. Retira-se a importância atribuída outrora ao trabalho e torna-o irrelevante, pois: o que importa na relação com Deus é a fé, a certeza da resposta; o Diabo é incorporado como elemento que impede o prosperar.

Para expulsar o Mal de suas vidas, realizam o exorcismo. A partir de então, é permitido ao homem renascer novamente em uma vida livre do Diabo.

Entretanto, o que inquieta são as figuras do sagrado por trás das quais o Maligno revela sua ação. Os cultos da Igreja Universal, mas também de outras igrejas neopentecostais, se povoa de feitiços e *macumbarias*, de exus e pomba-giras, de *trabalhos* (grifos do autor) da direita ou da esquerda, de orixás malévolos e falsos santos, de benzimentos, rezas, pajelanças e operações espirituais abortadas, além de falsas promessas de pais-de-santo de umbanda e candomblé ou beatos milagreiros que enganam um povo crédulo e ignorante (MONTES, 1998, p. 122).

Ao incorporarem figuras do sagrado das religiosidades populares, provocam um ecumenismo popular negativo (MONTES, 1998). Longe de buscarem a unidade e diálogo com outras religiões, os neopentecostais as tem - a católica e principalmente as afro-brasileiras - como inimigas e defensoras do Diabo. Denominam suas figuras sagradas como uma das formas de designação do Demônio.

Alguns sentimentos também são tidos como obras do Mal. O medo, segundo Macedo, é a expressão da fé negativa, o oposto da certeza. “O medo não somente promove a dúvida, mas também a sustenta” (MACEDO, 2008, p. 34). A superação dessa emoção, de acordo com o livro, é responsabilidade “absolutamente pessoal e individual” (MACEDO, 2008, p. 35).

Já a preocupação “anula totalmente a ação da fé. Se a pessoa demonstra ansiedade é porque não está confiante” (MACEDO, 2008, p. 38). Como diz Macedo, o Diabo geralmente utiliza da própria palavra de Deus para gerar dúvidas com questões misteriosas preocupando crentes e usando de pessoas que “se intitulam sábios e inteligentes”, como os cientistas, para afastar Deus.

O autor estabelece uma relação antagônica entre acreditar e ter certeza. De acordo com ele, fé é a certeza de coisas que se esperam que aconteçam e não é acreditar que algo é verdade.

É o caso daquela criatura, tão sincera, que confessa muitas vezes: “*O Senhor é meu pastor e nada me faltará*” (grifos do autor) [...] Falta-lhe, entretanto, emprego, saúde, roupas, enfim, falta tudo! [...] O grande problema é a pessoa acreditar em tudo o que está escrito, mas não ter absolutamente certeza do seu cumprimento na sua vida hoje. Quando acredita e tem certeza de que as promessas de Deus são para ela hoje, tanto quanto o foram para os de outrora, sua atitude para com a Palavra e diante de Deus é reivindicar de todo coração, até que se cumpra o prometido! Não fica esperando que algum dia sua vida mude (MACEDO, 2008, p. 46).

A certeza, então, é o alicerce erguido pela fé, rumo à ascensão profissional e pessoal. O trabalho que antes glorificava o homem, na ótica da predestinação, foi substituído pela afirmação da certeza individual e da relação contratual com Deus.

Como forma de dar cientificidade à sua obra, Macedo (2008) conceitua dois tipos de fé: a natural e a sobrenatural. Para ele, a fé natural é a oriunda do mundo material. Funciona como o “sexto sentido” dado por Deus para que o homem possa ter liberdades de ação e decisão. A fé natural depende de circunstâncias naturais para agir. O autor cita como exemplos um agricultor - que ao cultivar necessita de um clima apropriado - e uma pessoa sem limitação física - que levanta e consegue caminhar. Essas são circunstâncias naturais, necessárias para a fé natural.

Já a fé sobrenatural, segundo Macedo, está ligada ao mundo espiritual. É o canal de comunicação entre os dois mundos. Ao contrário da fé natural, a sobrenatural não deve ser pensada a partir da lógica racional, pois é fruto da aceitação da palavra de Deus, da ação do Espírito Santo e da vivência do cristão. “De fato, cada milagre que nós queremos ver realizado em nossas vidas depende exclusivamente de cada um de nós” (MACEDO, 2008, p. 56). Essa valorização do individualismo é presente em todo o livro. O cristão é o único responsável pelo seu crescimento espiritual e, conseqüentemente, econômico e social.

Conforme o livro de Macedo, Deus criou a vida buscando realizar três propósitos. O primeiro para que ela seja vivida em abundância, “isto é, com todos os seus direitos e privilégios, sem nenhuma forma de aflição, angústia ou

preocupação” (MACEDO, 2008, p. 71)⁹. O segundo, para que nela não existisse nenhum tipo de doença, sofrimento ou dores. E, por fim, para manifestar, por meio dela, sua glória para toda a eternidade.

No livro, Macedo ensina como obter as bênçãos pela fé. A bênção financeira, por exemplo, é ensinada por meio de passos. Como premissa, “é preciso ter a certeza de que é a vontade de Deus que nós tenhamos plenitude de vida, não somente espiritual e física, mas também financeira” (MACEDO, 2008, p. 115).

O primeiro passo é a pessoa que está oprimida pela sua situação financeira travar uma batalha espiritual contra quem se coloca contra seu êxito material. O caminho para vitória é o da fé nas promessas de Deus.

O próximo passo é seguir exatamente o que diz a Palavra de Deus quanto ao dízimo, sempre relacionado à bênção financeira pela ótica iurdiana

Devemos dar o dízimo de tudo o que nos vier às mãos; quer seja do salário bruto, quer seja da venda da casa, do apartamento ou terreno; dos juros de qualquer dinheiro ou investimento financeiro; da herança, enfim, de todo o dinheiro que nos vier às mãos (MACEDO, 2008, p. 116).

Para Macedo, o dízimo representa a fidelidade do fiel com Deus e as ofertas de seu amor. Desta maneira, ele argumenta que a responsabilidade pelo pagamento do dízimo é do fiel. Ao pastor cabe apenas ensinar o que deve ser feito.¹⁰ “É claro também que os que são fiéis nos dízimos têm o privilégio de exigir de Deus o cumprimento da promessa em suas vidas e, obrigatoriamente, o Senhor tem de cumpri-la” (MACEDO, 2008, p. 117).

O terceiro e último passo é não adorar as coisas do mundo. Até mesmo as bênçãos que Deus concedeu não devem ser adoradas. “Deus não é contra a riqueza, absolutamente, porque Ele mesmo é rico em glória e majestade. Ele é contra colocarmos nosso coração nas riquezas” (MACEDO, 2008, p. 73).

Segundo o bispo Edir Macedo (2008), é preciso exercitar uma fé viva e inteligente. Em outras palavras, uma fé racional, longe do fanatismo provocado pelas emoções. “A fé inteligente, racional e absolutamente infalível é sustentada pela lei do Espírito Santo” (MACEDO, 2008, p. 150).

⁹ João 10, 10. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (BÍBLIA, 1969).

¹⁰ “ Se a pessoa não der os dízimos que pertencem ao Senhor, é problema dela com Deus. Quanto a nós, pastores, temos apenas de alertar e ensinar o povo a verdade” (MACEDO, 2008, p. 117).

Para atingir este tipo de fé é necessário, além da Palavra de Deus, o seu exercício. Desta forma, não basta somente acreditar em Deus, mas também exigir seus direitos perante Ele e conquistar as bênçãos por meio da fé. “Jamais podemos dar o dízimo, por exemplo, e ficar sentados, aguardando os seus frutos. É preciso cobrar, pedir, insistir, pleitear. Fazer tudo o que é necessário para expressar os nossos direitos através da fé” (MACEDO, 2008, p. 161). Para Esperandio (2007), a busca dos neopentecostais é pela libertação e não mais por salvação.

A expansão da Teologia da Prosperidade, segundo Mariano (2004), está diretamente relacionada com a expansão do uso das telecomunicações. O televangelismo americano e, posteriormente, neopentecostal brasileiro, dependiam de um maior apelo ao crescimento financeiro, promovido por esta teologia.

Hoje, com o intenso uso da internet, várias são as matérias, mensagens e chamados em sites, como a Arca Universal, destacando os resultados obtidos por meio da oferta. Divulgado em 23 de maio de 2011, o Pacto da Prosperidade convocava os “valentes e inconformados com a situação em que estavam vivendo” (ARCA UNIVERSAL, 2011).

Você está no vermelho? Tem dívidas que cada vez crescem mais? Ou está em busca do tão sonhado crescimento profissional? Se um desses ou qualquer outro é o seu caso, então, faça o Pacto da Prosperidade em um dos Cenáculos do Espírito Santo espalhados pelo País. Na oportunidade, você também participará da Santa Ceia...No entanto, para que isso aconteça, é necessário que o outro pactuante também faça a sua parte. Além disso, é fundamental haver uma revolta, um não contentamento com a situação em que está vivendo. Se você não suporta mais viver endividado, se todas as portas estão se fechando, se não há possibilidades humanas para uma mudança financeira, esse pacto é para você! (ARCA UNIVERSAL, 2011) (Grifo nosso).

De acordo com a Igreja, na relação contratual Deus promete retribuir proporcionalmente a aquele que oferta. Como filhos de Deus, os homens têm direito às suas heranças, mas para isso precisa ser merecedor. O princípio básico da Teologia da Prosperidade é utilizar da doação financeira como forma de investimento na busca por algo e não como gesto de agradecimento como acontece na teologia tradicional. “Pessoalmente, acho mais que justa a contribuição, quer de dízimos ou de ofertas, porque quanto mais nós damos, mais Deus nos devolve multiplicado” (MACEDO, 2008, p. 117).

Segundo Bauman (2001), o consumismo não diz mais respeito à satisfação das necessidades, mas sim, dos desejos. O indivíduo na modernidade, se expressa por meio de suas posses. Na Igreja Universal, as posses são valorizadas como sinônimos de felicidade e benção de Deus.

O querer imediatista, de acordo com o autor, é o elemento mais poderoso que mantém a demanda do consumo no nível da oferta (BAUMAN, 2001). A sociedade de consumo é movida pela oferta incessante de bens. Os indivíduos buscam incessantemente a atualização e superação do antigo, que a pouco tempo atrás era a grande novidade. Este caráter pode ser observado na valorização dos bens de consumo imediato na IURD, na espera pela casa própria, do carro importado, das grandes viagens prometidas pelo pastor em nome de Deus.

Quanto maior a liberdade na tela e quanto mais sedutoras as tentações que emanam das vitrines, e mais profundos o sentido da realidade empobrecida, tanto mais se torna o desejo de experimentar, ainda que por um momento fugaz, o êxtase da escolha (BAUMAN, 2001, p. 104).

Essa inquietação está presente em todos os cultos da Igreja Universal. O poder de compra determina as posições sociais e o desejo de compra impulsiona as pessoas a doarem tudo o que têm, esperando uma vida de riquezas. A afirmação de Bauman (2001, p. 104), de que “quanto mais escolha parece ter os ricos, tanto mais a vida sem escolha parece insuportável para todos”, nunca ganhou tanta veracidade quanto nos cultos da IURD.

No próximo capítulo apresento a metodologia utilizada nas análises do presente trabalho, que terá como base a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, desenvolvida no início dos anos 1960. Cujo principal expoente é Michel Pêcheux.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ciência, no estudo da religião, para Oliveira (1998), é a responsável por traduzir em códigos científicos a linguagem, as metáforas, analogias e as experiências emocionais, sem cair, como muitas vezes acontece, em um reducionismo empobrecedor. É fundamental entender o discurso do “crente” de maneira a traduzi-lo corretamente, sem pré-conceitos.

A metodologia da Análise de Discurso (AD), que ao mesmo tempo se faz teoria, desenvolvida por Pêcheux é constituída por uma reflexão feita a partir da linguagem, sujeito, ideologia e a história, colocando em evidência o papel da interpretação. De acordo com Eni Orlandi (1999, p. 09), “não temos como não interpretar”, ou seja, sempre estamos sujeitos a interpretar o que está à nossa volta, seja uma imagem, uma música, um texto e tudo o mais que nos é apresentado, de maneira que os sentidos nunca estão soltos.

Segundo Orlandi (1999) existem diversas maneiras de se estudar a linguagem. Ela pode ser vista enquanto gramática ou pela ótica da Linguística, por exemplo. Na AD, a linguagem não é entendida como um sistema abstrato, mas enquanto discurso, como maneira de dar significado, de produzir sentidos. “Na Análise de Discurso, procura-se entender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Desta maneira, o discurso desempenha o papel de ser mediador entre o homem e o meio em que vive. O analista deve considerar a linguagem e sua exterioridade, ou seja, deve entender os processos e condição da produção do dizer e da relação que o sujeito estabelece com a língua. O discurso, assim, é um elemento sócio-histórico (ORLANDI, 1999).

Em conseqüência, não se trabalha, como na Linguística, com a língua fechada nela mesma, mas como o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto. Nem se trabalha, por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam (ORLANDI, 1999, p. 16).

Diferente da fala, o discurso não é só uma ocorrência casual da língua. Ele é entendido como o efeito de sentido entre locutores e possui

regularidades. Seu funcionamento pode ser apreendido por meio do social e do histórico. “A língua é assim condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 22).

A AD trabalha sob o pressuposto de que o discurso depende do sujeito e este se faz sujeito pela ideologia. Sendo assim, firma-se que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 17).

Para tal realização, três filiações teóricas são utilizadas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Na Linguística é feita uma leitura de Saussure, evidenciando a noção de discurso e produção de sentidos, afirmando que a língua não é transparente, destacando suas especificidades, singularidades e faltas. No Marxismo ou Materialismo Histórico, considera-se a língua em relação com a história, ou seja, entende-se a língua como acontecimento e revisa o conceito de ideologia por meio da releitura de Althusser. E por fim, da Psicanálise, a partir da releitura que Lacan faz de Freud, a AD incorpora as noções de esquecimento e inconsciente.

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 1999, p. 20).

A análise sintomal proposta por Althusser colocava em evidência a discursividade, permitindo o encontro da língua com a ideologia e, sobretudo, a análise histórica por considerar as condições de produção do discurso.

A idéia de sintonia que Althusser emprestou da obra de Lacan, acenava para a compreensão do que não é visível, do que diz respeito à falta e à ausência [...] um tipo de leitura que Pêcheux incorpora como procedimento na AD e que permite perceber, no discurso de modo geral, o que não se dá a ver, o que está na ordem do esquecimento, envolvendo a ideologia, a produção de sentidos e a constituição de sujeitos (ALMEIDA e CESÁRIO, 2008a, p. 124).

Os sentidos são formulados a partir da posição ideológica determinada pelo processo social e histórico no qual as palavras foram produzidas. As palavras possuem sentido a partir da posição que aquele que a emprega ocupa.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. [...] Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente (ORLANDI, 1999, p. 43).

Existe um processo contínuo no qual todo discurso relaciona-se com outro, ocasionando o surgimento de relações de sentidos. Estes sentidos são “escolhidos” pelo sujeito, por meio do mecanismo de antecipação, ou seja, colocando-se no lugar daquele que ouve. É assim presente em todo discurso relações de força, nas quais o lugar em que fala o sujeito constitui o que ele diz.

Relações de sentidos, mecanismo de antecipação e relações de força, então, são mecanismos que repercutem na constituição de produção do discurso e sua significação e constituem o que a AD chama de formações imaginárias.

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares do sujeito - para as posições dos sujeitos no discurso (ORLANDI, 1999, p. 40).

A relação imaginária e as condições materiais de existência são ligadas pela ideologia. Esta última é responsável pela produção do sujeito e dos sentidos de suas falas. Em outras palavras, a ideologia transforma o indivíduo em sujeito atribuindo sentidos aos seus dizeres. Ela é produto e produtora da relação sujeito-língua-história para que exista os sentidos, ficando a cargo do pesquisador entender essa relação dúbia na qual o sujeito determina o que diz e, ao mesmo tempo, é determinado pela exterioridade, que marca a relação com os sentidos (ORLANDI, 1999).

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à

língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento (ORLANDI, 1999, p 50).

Para a Análise de Discurso, o que interessa não é a compreensão de elementos da história presentes no texto, mas a historicidade como materialidade sob a forma de discurso. “Não vemos nos textos os “conteúdos” da história. Eles são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade” (ORLANDI, 1999, p. 68).

O texto para AD não é visto somente como um elemento linguístico, mas como discurso, um objeto simbólico. O texto é o caminho para se chegar ao discurso. Para Orlandi (1999), é papel do analista entender como o discurso se materializa por meio do texto, resultando, conseqüentemente, em apreender a maneira como o discurso se textualiza.

O discurso é carregado de ideologia e o sujeito é movido pela ideologia e o inconsciente. O sujeito não é fonte ou origem do seu dizer, mas sim, é influenciado pelo que já foi pré-construído e já dito (ALMEIDA e CESÁRIO 2008b).

“Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 33). Para a AD há uma relação entre o já-dito (interdiscurso) e o que está se dizendo (intradiscurso), ou seja, entre a formulação dos sentidos e sua constituição. Para que uma palavra tenha sentido, é necessário que ela já faça sentido, sendo que o interdiscurso é entendido como este já-dito.

A memória faz parte da construção do discurso e é considerada um interdiscurso. Como afirma Orlandi (1999, p. 32), “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. No ato da fala escolhemos uma rede de sentidos, mesmo de forma inconsciente. “Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Assim, podemos entender o esquecimento. De acordo com a AD, existem dois tipos de conhecimento: o de enunciação e o ideológico. O esquecimento por ordem de enunciação é parcial e pré-consciente, “uma ilusão referencial que dá a impressão que há uma relação entre pensamento, linguagem e mundo” (ALMEIDA e CESÁRIO, 2008b, p. 03). Caracteriza-se por falarmos de uma

maneira e não de outra, estabelecendo uma ilusão referencial. Em outras palavras, nos iludimos pensando que o que dizemos só pode ser dito de uma maneira (ORLANDI, 1999).

Já o esquecimento ideológico é inconsciente. Por meio dele observamos como os sujeitos e os sentidos são afetados pela ideologia (ALMEIDA e CESÁRIO, 2008b). O inconsciente é afetado pela ideologia. Os sentidos são representações de como nos inserimos na história e no relacionamos com a língua. Sempre retomamos a sentidos já existentes (ORLANDI, 1999).

Para Bakhtin (1986), assim como para Saussure, a língua é como um fato social. Porém, diferente de Saussure que considera a língua como sistema sincrônico e homogêneo, o primeiro afirma que a fala e a enunciação possuem natureza social, pois estão intimamente ligadas às condições de comunicação e, portanto, às estruturas sociais (BAKHTIN, 1986).

A linguagem passa a ser a materialização dos confrontos sociais, de manutenção ou resistência da ordem posta pela classe dominante. O signo linguístico assume caráter ideológico neste processo. “A ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua [...]. O signo dialético, dinâmico, vivo” (BAKHTIN, 1986, p. 16). O signo é sempre mutável.

Toda realidade, natural ou social, está vinculada a um produto ideológico caracterizado por possuir um significado (um signo) que se refere a algo que é situado fora de si. “Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte de uma realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade” (BAKHTIN, 1986, p. 31). Ou seja, qualquer produto, seja ele de produção ou de consumo, pode vir a tornar-se signo ideológico por meio de uma atribuição de sentido ideológica dada a ele, indo além de sua função de origem, como a foice e o martelo na União Soviética, para citar o exemplo dado por Bakhtin (1986). Desta forma, todo fenômeno que utiliza de um signo ideológico possui sua forma material, o que possibilita ao pesquisador realizar um estudo objetivo.

[...] seu verdadeiro lugar (o autor refere-se à ideologia) é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos

organizados, sendo o meio de sua comunicação (BAKHTIN, 1986, p 35).

Para o autor, a consciência só pode ser constituída como tal a partir do momento que absorve o conteúdo ideológico por meio das relações sociais, ou seja, quando passa a existir por meio dos signos criados por grupos organizados. De maneira que a consciência individual possa ser entendida, então, a partir do meio social e ideológico.

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos.

Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência (grifos do autor). A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 1986, p. 36).

A palavra é um signo social. Sua análise permite compreender seu funcionamento como instrumento da consciência, pois ela acompanha todo ato ideológico. “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos da interpretação” (BAKHTIN, 1986, p. 38).

Toda esfera ideológica reage às transformações da realidade. A palavra é o elemento que permite registrar as mudanças sociais e suas fases transitórias, pois “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1986, p. 41).

A comunicação verbal é determinada pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica. Marcado por uma época, todo signo ideológico, e conseqüentemente linguístico, se afirma por meio das relações sociais de um grupo social determinado (BAKHTIN, 1986).

Em cada etapa do desenvolvimento social, há elementos específicos, com valor particular. Estes elementos são incorporados pela consciência individual, mas esta não é sua fundadora. É essencial a qualquer elemento/objeto adquirir uma significação interindividual, já que ele depende da

aceitação do grupo social e precisa que a realidade socioeconômica determine sua existência material (BAKHTIN, 1986).

Tanto os sujeitos quanto os sentidos não são completos, pois a condição fundamental da linguagem, segundo Orlandi, é a incompletude. No ato da fala, o sujeito é envolvido por condições específicas como sua relação com a língua, determinações do mundo ou dos fatos que clamam por sentidos. Isto ocasiona rupturas e gera movimento (ORLANDI, 1999).

Desta forma, o dispositivo de interpretação desenvolvido pela AD busca ouvir o dito pelo não dito. “A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 1999, p. 59), pois é sempre possível a todo enunciado tornar-se outro. “Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 59).

Todo dito vem acompanhado de um não dito. O motivo sempre fica subentendido e deve ser apreendido pelo contexto. Esse não dito, também significa e indica, por meio do seu silêncio, que o sentido sempre pode ser outro. Na Análise de Conteúdo, o analista utiliza do conteúdo para compreender como se produz os sentidos. Na Análise de Discurso, o que interessa é a materialidade discursiva, “os indícios (vestígios, pistas) dos processos de significação” (ORLANDI, 1999, p. 89).

Assim, são considerados critérios como, por exemplo, as distinções institucionais (discurso político, religioso, jurídico) que refletem na formação de tipologias discursivas. O papel do analista é entender a relação entre a produção de discurso e a produção de sentidos. De acordo com a classificação da AD, o discurso pode ser: autoritário, polêmico ou lúdico. É importante ressaltar que “não há nunca um discurso puramente autoritário, lúdico ou polêmico. O que há são misturas, articulações” (ORLANDI, 1999, p. 87).

Diante do quadro metodológico apresentado, o objetivo do presente capítulo é destacar a palavra como prática, cuja atividade é interferir no real a partir da produção de sentidos. O homem se significa na história, como destacam Bakhtin (1986) e Orlandi (1999), dependendo de sua relação com a ideologia. Esta permite que a relação de sentidos entre palavras/acontecimentos/objetos se efetive por meio

da língua, na prática do discurso. “Desse modo, o sujeito se constitui e o mundo se significa” (ORLANDI, 1999, p. 96).

Seguindo o conceito althusseriano de ideologia como representação do imaginário individual, frente suas condições materiais de existência, para realização desta análise parto da ideia de ideologia como um conjunto de representações da vida social. Na tentativa de realizar os desejos individuais e satisfazer o pensamento das necessidades comuns, a ideologia passa a expressar os valores que um grupo acredita, que, segundo Maitre (1982), pode ser entendido como simbolismo coletivo, cuja função é extrair as ideias e aspirações que surgem nos conflitos sociais e morais.

4.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A concretização deste trabalho foi possível a partir da coleta de informações, por meio da pesquisa participativa e da realização de uma entrevista com o bispo e pastor Paulo César Ribeiro de Andrade¹¹ da Igreja Universal na Rádio Atalaia na cidade de Londrina. Antes vinculado a Igreja Católica e ao espiritismo, o bispo Andrade em busca de solucionar problemas familiares recorreu à IURD aos dezenove anos e converteu-se. Após exerce doze anos como pastor, foi consagrado bispo em 1985, correspondendo a vinte e quatro anos com este título até 2009, ano em que foi realizada a gravação¹². A pesquisa participativa acompanhada da elaboração de um caderno de campo foi realizada ao longo dos anos 2009, 2010 e 2011 nos cultos, com maior atenção às segundas-feiras, dia destinado pela IURD exclusivamente à prosperidade financeira.

Para interpretação destas informações coletadas utilizo três categorias de análise. A primeira corresponde à influência do mercado e dos ensinamentos da Teologia da Prosperidade. A segunda, ao individualismo e a Teologia da Prosperidade. Por fim, a terceira refere-se à caracterização da relação pastor e fiel. O material analisado é resultado da pesquisa de campo feita em uma

¹¹ Paulo César Ribeiro de Andrade nasceu em vinte e sete de junho de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, formado em teologia e membro da Igreja Universal do Reino de Deus desde 1979.

¹² Esta entrevista será doada ao Centro de documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) e está disponível em anexo no final do trabalho.

Igreja Universal na cidade de Londrina nas segundas-feiras do mês de outubro de 2011, dia destinado à prosperidade financeira.

A partir da década de 1990, a sociedade brasileira passou a difundir com mais ênfase pelos meios audiovisuais e impresso os valores capitalistas do empreendedorismo neoliberal. No período, merece destaque o papel do desempenho individual nas conquistas materiais (LIMA, 2009).

É neste momento que notamos a acentuada aceitação da Teologia da Prosperidade pela sociedade brasileira, concomitantemente o surgimento de igrejas, como a Igreja Universal, e sua rápida expansão. Estabelece-se, assim, a relação entre a realidade econômica brasileira e os ensinamentos da citada Teologia.

Como já explorado anteriormente, a Teologia da Prosperidade pode ser entendida a partir da busca pelo sucesso pessoal como vontade do fiel e compromisso de Deus. Não mais movidos apenas pelas suas necessidades, os indivíduos da sociedade contemporânea guiam suas ações em busca da satisfação de seus desejos. Constitui-se assim uma nova identidade, construída a partir do consumo dos bens que possuem e que podem possuir.

A gente usa a prosperidade como dom de Deus. Nós vemos vários versículos em Isaias em outros livros da Bíblia, Deus dizendo que é dom dele que nós comamos, que nós bebamos, que nós tenhamos o melhor. Como eu disse para você a pouco, Deus é pai e um pai que tem prazer. Ele tem prazer em nos dar o melhor. Então, por isso, nós somos muito enfáticos quando falamos isso para as pessoas em nossas reuniões (ANDRADE, 2009).

Este ideal de vida contemporâneo - caracterizado pela busca da felicidade por meio do dinheiro, saúde e bem-estar - é notado em todo discurso iurdiano. Diz um pastor em Londrina

É inadmissível eu seguir esse Deus e viver uma vida de miséria, ser pisado pelos outros. Deus quer que você tenha um bom testemunho. Eu sei que o Senhor tem mais que me dar do que esse meu salário aqui no altar (Informação verbal)¹³.

¹³ A expressão “Informação verbal” será usada ao longo do texto para referenciar os discursos proferidos em cultos que aconteceram nas segundas-feiras do outubro de 2011 na Igreja Universal na cidade de Londrina, dia destinado à prosperidade financeira.

A Teologia da Prosperidade moraliza o querer (MESQUITA, 2007). A pobreza samaritana, sinônimo de desapego material e busca pela elevação espiritual, é rejeitada por este segmento religioso como uma recusa à riqueza que o próprio Deus nos deu como herança.

A relação estabelecida por Weber (1981), em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, entre trabalho e religião é substituída pela relação entre religião e consumo. A atitude ascética da ética calvinista da predestinação é abandonada. O trabalho não é mais visto como vocação, mas como meio de conquista de bens. A riqueza, que outrora se transformava em poupança e sinônimo de salvação, hoje é utilizada na aquisição de bens de consumo imediato.

A Igreja Universal usa os bens de consumo e bem-estar físico e emocional como requisitos para demarcar as distinções sociais. Ela determina, de forma paradigmática, o que é ser rico ou pobre na sociedade atual.

No que consiste uma vida abundante? É você comer o melhor, é você ter o seu carro zero quilômetro... já pensou você ter um carro velho quebrando todo dia na rua... Poxa, que vida é essa? Poxa... Meu carro me dá problema todo o dia. É você olhar para sua família e “lá em casa ta tudo doente”. É você olhar pra sua casa, sua casa como se costuma dizer “chove mais dentro do que fora”. Quer dizer, o meu Pai é rico, é dono de tudo. Ele diz “minha prata, meu ouro”. E eu, no entanto, vivo uma vida miserável, meu carro quebrando, o meu salário mal dá para pagar minhas despesas básicas, eu não tenho um lazer com minha família, eu não tenho uma vida próspera (ANDRADE, 2009).

Longe de seguirem uma orientação utilitarista, as escolhas por certos bens e serviços são eticamente justificadas pela Teologia da Prosperidade (MESQUITA, 2007). O consumo passa a ter sentido religioso.

[...] eu considero uma pessoa próspera, aquela pessoa que ela olha pro seu cônjuge, marido ou esposa e diz assim: “você é feliz comigo?”. “Eu sou feliz com você, eu te amo, você me ama?” “Eu te amo”. Olha pros filhos e diz, olha assim pros filhos e todos saudáveis. Tudo bem. Olha pra conta bancária, nunca no vermelho. Pros bens, “eu tenho meu carro importado, minha esposa tem o carro dela importado. Ah... nas férias eu viajo pra Disneylândia, vou conhecer a Europa, Paris, etc., etc... eu olho pra dentro de mim tenho paz interior.” Então a pessoa próspera consiste... a prosperidade, eu, eu, eu abro esse leque, eu abranjo tanto a vida financeira, como a vida familiar, física e a espiritual (ANDRADE, 2009).

Essa vida dada por Deus é conquistada no renascer no Espírito Santo. A experiência do Pentecostes que acontece diariamente na IURD motiva o fiel a abandonar sua antiga vida e hábitos, considerados do Diabo e adotar esse novo modo de viver a fé. A partir da Teologia da Prosperidade, o contrato com Deus passa a ser permitido. Ao ofertar um bem material cobrando a resposta, os fiéis transformam-se em consumidores do poder de Deus. A eles são disponibilizados nos cultos uma gama de bens simbólicos de salvação, que prometem livrar sua casa, seu negócio, ou até mesmo sua vida, de toda influência e presença do Diabo, que o impede de prosperar.

[...] nós procuramos mostrar ao povo que Deus quer que nós tenhamos essa vida abundante, tanto é que Jesus... Ele diz lá em João 10,10 “eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”, quer dizer, ele vem nos trazer vida (ANDRADE, 2009).

Esse método racional de se relacionar com Deus por meio das ofertas e compra de bens simbólicos, estabelece um novo paradigma de salvação. O Reino dos Céus está agora na Terra ao alcance de todos. A vida sofrida que tinha como esperança o gozo do Paraíso prometido é desprezada e considerada obra do Diabo.

Igrejas como a IURD são verdadeiros hospitais espirituais, centros de ajuda para ajudar a quem sofre. A Teologia da Prosperidade é o antídoto desenvolvido para combater o mal. Problemas de saúde, brigas familiares, vícios, falta de dinheiro, são solucionados a partir do sacrifício ofertado a Deus.

A IURD utiliza do sobrenatural para solucionar problemas terrenos e enfatiza a esfera individual de conquista. O pastor tem a função de orientar, mas não o poder de conceder a graça. A prosperidade só se faz presente na vida do fiel se este assim merecer.

Então por isso que hoje, nós temos na igreja ex-mendigos, que chegaram na igreja mendigos, maltrapilhos, fétidos. Como a Igreja Universal está de portas abertas tanto para o milionário, quanto o mendigo. Então a pessoa sentou lá no cantinho dela e começou a ouvir o pastor ou bispo, tanto faz pastor ou bispo pregar, que Deus é rico, que Deus quer que nós tenhamos o melhor, que Deus quer que nós tenhamos uma vida farta, abundante. Aí então essas pessoas assim... “poxa, quer dizer que eu sou mendigo e Deus não quer que eu viva assim, Deus é um pai que quer que os filhos sejam ricos. Ah não, eu vou me tornar um dizimista. Dos papelões que eu vendo eu vou tirar o dízimo.” Que é a décima parte do que a pessoa recebe

que a Bíblia ensina, não é a igreja Universal, não são as igrejas evangélicas que ensinam, mas a Bíblia ensina isso... “Vou começar a tirar o dízimo e vou fazer isso e vou fazer aquilo”. Então essas pessoas começaram a se revoltar com a situação e não com Deus. Muitas pessoas infelizmente veem a situação difícil e se revoltam com Deus, “Deus me deixa nessa vida, Deus não quer... Deus não me ama”. Não! A culpa é da pessoa, a pessoa que procurou de uma maneira ou de outra essa vida (ANDRADE, 2009).

Deus quer distribuir sua herança, a igreja ensina os métodos para conquistá-la e a seleção e interpretação de trechos da bíblia legitima as falas do pastor. Seguindo essa lógica, a culpa daquele que não prospera é sempre individual.

Eu estava em São Paulo em 90, e aí passou um mendigo na porta da Igreja, e eu fui evangelizá-lo, falar pra ele que Deus não queria aquela vida pra ele e tal. E ele disse, “não, já sei já, eu conheço a Bíblia”. Então por que está nessa vida? “A... porque eu trai minha esposa e não me arrependi, então depois com vergonha daquilo que eu fiz me fiz, eu sai de casa, ai me tornei um alcoólatra, me tornei um mendigo, abandonei tudo”. E eu disse, mas Deus quer isso para o senhor? “Não eu sei que Deus não quer isso pra mim, mas não tem volta”, não sei o que. Ele (mendigo) já colocou na mente dele que a vida dele a partir de então a vida dele teria que ser assim. Mas quando a pessoa diz não, se Deus quer que eu seja próspero, Deus quer que eu tenha o melhor nessa terra, então eu quero. Se Deus quer, eu também quero! Então vai se encaixar a minha vontade com a de Deus, se eu quero o melhor e ele quer o melhor pra mim, então pronto, então, juntou a fome com a vontade de comer (ANDRADE, 2009).

Na procura por melhores condições econômicas, como afirma Lima (2010), os fiéis são motivados a acreditarem no seu potencial para o comércio, para o negócio próprio. A Igreja Universal incentiva o empreendedorismo individual. Livrando-se da figura do patrão e do risco do desemprego, o indivíduo passa a depositar toda sua confiança em sua fé e orientações da igreja.

Para que a prosperidade possa ser efetivada, o fiel deve ser pontual com seu dízimo e realizar os sacrifícios, ou seja, o contrato com Deus.

Quando a pessoa se submete ao sacrifício, ela se submete a Deus. Quando a pessoa é avarenta, se apega ao dinheiro, ela não consegue realizar o sacrifício. Quando ela ouve o mundo, a Rede Globo. Quando ela em uma fé pura, ela ouve Deus chamar. Seja o salário, ou um dinheiro guardado. Ela tem a fé pura e genuína (Informação verbal).

Segundo os iurdianos, muitos são os que tentam impedir a pessoa de prosperar. Em diversos cultos e durante a entrevista foi possível colher acusações dos pastores de que a mídia, os familiares, ou até mesmo as universidades, são inimigas da prosperidade. Os que sofrem mais acusações, contudo, são as religiões espíritas, católicas e, principalmente, as de origem africanas. Para a Igreja Universal, o Mal está presente nesses segmentos religiosos.

No início a igreja era muito perseguida por pessoas religiosas que cultuavam os espíritos, as entidades, e por nós combatermos não a religião em si, mas os espíritos enganadores que atuavam naquelas pessoas de uma forma direta ou indireta que destruindo vidas. Se você me perguntar, vou ficar aqui até amanhã dizendo com quantas pessoas eu já conversei e estavam com espíritos em suas vidas, fazendo-as é... pensar em morte, em tirar a vida de alguém, coisas desse gênero. Então, quantas pessoas nós já vimos nesses 30 anos na Igreja Universal? Muitas, mas por quê? Por que essas pessoas usadas pelas forças do mal, queriam fazer coisas negativas. Quando uma vez expulsos esses espíritos, quando eu dizia “em nome do Jesus, sai!” Eles saíam, obedeciam o nome de Jesus, saíam, e as pessoas se libertavam e passavam a ter outra mente... Quer dizer, a cabeça da pessoa mudava completamente, porque o que fazia ela pensar negativamente era o espírito. E aquele espírito uma vez expulso de dentro dela, pronto. Ela ficava livre dele e usava do pensamento dela, que era bom. Então por essa razão que a gente vê essa perseguição até hoje. Os espíritos usam as pessoas contra a gente, pra tentar impedir o crescimento da Igreja (ANDRADE, 2009).

As outras religiões são usadas pelo Demônio, de maneira direta ou indireta. As divindades são consideradas como mais uma designação do Mal, que enganam o crente e o impede de possuir a vida prometida por Deus. Vários são os testemunhos, inclusive do líder Edir Macedo, de participar de outras religiões e as consequências disto. Na entrevista, o bispo Paulo afirma:

Até os meus 20 anos, aos 19 anos eu fui católico-macumbeiro... Enfim, muitos problemas de ordem familiar que me levaram a procurar a Igreja Universal. Alias, antes disso, então nós mesmos católicos, nós procurávamos os centros espíritas lá no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, procurando solução pros nossos problemas, e a cada dia mais a situação se agravando dentro de casa... E a minha mãe então, procurando depois de fazer promessas e tanto as missas não via resultado. Disseram pra ela: “procura um centro espírita, isso deve ser trabalho”, e ela foi fazer os trabalhos que eram mandados fazer e esses trabalhos não adiantavam de nada, muito pelo contrário, parecia que ela estava cada dia pior (ANDRADE, 2009).

Da mesma forma que não encontramos referências sobre um Paraíso além mundo, nos cultos da Igreja Universal, a relação com o Diabo também não está ligada à idéia de inferno ou a condenação após a morte, mas sim aos problemas enfrentados no cotidiano. Essas afirmações resultam em um sentimento dúbio de conforto e culpa ao fiel. Ao mesmo tempo, ele passa a possuir uma força contra o Mal que outrora não possuía, podendo resolver seus problemas, por meio de instrumentos que estão ao alcance de suas mãos. Por outro lado, a não superação é carregada da ideia de culpa e fracasso pessoal.

Em um culto na Igreja Universal de Londrina, o pastor revela como superar o Mal. “Deus te dá autoridade sobre o Devorador. Você que é dizimista têm a autoridade sobre o Diabo” (Informação verbal). Seguindo o raciocínio de que o sacrifício (material) perfeito corresponde à materialização da fé, o pastor evidencia que ao “colocar a vida nas mãos de Deus” o fiel consegue “convencer o Diabo que todas as áreas de sua vida não pertencem à Ele” (Informação verbal)¹⁴.

É no sacrifício, caracterizado pelo contrato estabelecido com Deus pelo qual é necessário dar para receber, onde encontramos a maior evidência da Teologia da Prosperidade na valorização do individualismo. “A sua vida será o seu sacrifício” (Informação verbal), diz o pastor. Quanto maior o sacrifício, melhor sua vida, pois o “sacrifício é o caminho mais curto entre o querer e o sonho realizado”. E ele acrescenta. “Vejo o apartamento que eu sonho, vejo o carro que eu sonho. Seu sacrifício vai ter que realizar seu sonho” (Informação verbal). A riqueza, portanto, é fruto da conquista individual.

Então você vê que há pessoas baixas, altas, magras, gordas, assim como na Igreja Universal. Há pessoas que dizem assim, “não... eu me contento, olha eu cheguei na igreja desempregado e tal”. To usando como se uma pessoa tivesse falando. Cheguei desempregado na Igreja Universal, doente, perturbado. Poxa hoje eu ganho um salário de um mil e 500 reais onde eu trabalho hoje, eu tenho saúde, não me falta nada, eu to bem. Graças a Deus eu to bem sim. Outros já diz “não, eu quero mais, eu não aceito essa situação, se eu posso ter uma vida arregalada, seu eu posso comer do bom e do melhor, se eu posso conhecer o mundo, conhecer o Brasil do Oiapoque ao Chuí, pois se eu posso ter esse privilégio de levar minha família, eu com mil e quinhentos reais vou fazer isso nunca, mas se eu ganhar 50 mil reais por mês, eu farei” (ANDRADE, 2009).

¹⁴ Frases de um culto assistido na cidade de Londrina no mês de outubro de 2011.

A superação dos problemas cotidianos é o elemento-chave de todo o culto. O mundo profano é levado ao espaço sagrado por meio das falas do pastor. O discurso encorajador motiva aos que estão com problemas a revelarem suas angústias e esperanças, resultando em um reconhecimento por parte do grupo.

O pastor na IURD não tem uma formação teológica de graduação ou nível superior como na Igreja Católica, por exemplo. A linguagem utilizada nos cultos é simples e repleta de gírias como o popular “tá ligado?” (Informação verbal), perguntado pelo pastor após alguns minutos de fala e acompanhado de uma palma pelo fiel, como forma de alerta. A expressão pode ser substituída por “você está prestando atenção?” ou então, “você entendeu?” (observação em cultos). Essa linguagem simples contribui para o entendimento e aproximação do público com o pastor.

Sendo assim, vamos às análises e interpretações decorrentes da última categoria sobre a relação entre pastor e fiel.

Quando questionado sobre a formação dos pastores, o bispo Paulo se justifica:

[...] obrigatoriamente nós não temos que ter o curso, porque uma vez o bispo Edir Macedo disse uma coisa muito interessante, o tempo que nós perdemos numa faculdade, isso foi a quase 30 anos atrás, o tempo que a gente perder numa faculdade aprendendo muito letra, há pessoas que tão sofrendo lá fora (ANDRADE, 2009).

Os cultos não possuem roteiro pré-estabelecido. O foco concentra-se na superação dos problemas cotidianos. Para tal, estimulam o consumo de produtos mágico religiosos da própria Igreja, como água santa, óleo sagrado, livros, e outros produtos mais.

Os meios de comunicação funcionam perfeitamente para este fim, pois, além da transmissão de cultos e orações, servem como canais de vendas. A IURD é referência na utilização dos meios de comunicação como jornal, Rádio, TV e internet para atrair a atenção do público e, conseqüentemente, conquistar mais fiéis. A Igreja Universal faz uso, por exemplo, de técnicas como o *disque-orações* e o *drive thru* de orações no centro de São Paulo (MEIBACH, 2011).

Na IURD, fé e negócios caminham de mãos dadas, uma vez que essa instituição religiosa é gerenciada como uma empresa. A utilização dos meios

de comunicação para evangelização em massa e a conseqüente e procurada ampliação do mercado de bens de salvação contribuem ainda mais para a formação de um comércio empresarial.

O próprio recrutamento de seu clero também obedece a um modelo empresarial de tipo franchising, uma vez que os pastores “adquirem” seus postos mediante contrato com a igreja, com cláusulas bem definidas de obrigações e direitos, e cuja rescisão pode até mesmo dar lugar a processos trabalhistas (MONTES, 1998, p. 89).

Na entrevista, o bispo Paulo de Andrade silencia sobre esta forma de organização e sobre o modelo empresarial de expansão da Igreja Universal. Quanto ao fato de haver uma hierarquização na estrutura da Igreja, ele também mostra hesitação num primeiro momento, mas em seguida responde

É... há hierarquia sim. Nós somos como jovens, como grupo jovem da igreja, ai dali então nós somos chamados pra entrevista. Se queremos... “Você quer ser um obreiro? A eu quero, quero, quero ajudar na igreja”, ta bom, então a pessoa é um pré, alias, é um candidato à obreiro. Ai ele vai sendo observado, entrevistas serão feitas com ele e com familiar que vem à igreja pra saber com é o caráter dele, a índole dele, a convivência dele com a família e algumas coisas mais. E posteriormente ele é levantado a obreiro, depois ele é levantado a candidato a pastor, né, que é o auxiliar de pastor, e posteriormente ele vem a ser um pastor (ANDRADE, 2009).

Encontrei diversas vezes essa hesitação por parte dos pastores de falar ou esclarecer dúvidas. Inicialmente, o procedimento metodológico que seria utilizado na elaboração deste trabalho de conclusão de curso seria a análise de três entrevistas com pastores da IURD. Porém, o trabalho de campo limitou os anseios da pesquisadora, uma vez que os pastores procurados se recusaram a conceder tais entrevistas.

Por trás do silêncio, está a proteção à instituição. A Igreja Universal sofreu, e sofre ainda hoje, constantes críticas às suas condutas e ensinamentos por meio de jornais, revistas e do confronto intenso com a emissora de televisão Rede Globo.

Então a perseguição, desde o nascimento dele (Jesus) foi notória. Como desde o nascimento da Igreja Universal, foi notório... Eu recordo quando o bispo Macedo foi preso, não sei se você já ouviu falar isso. Eu estava lá em São Paulo na época, e fui visitá-lo na cadeia, quase todo dia eu ia visitá-lo na cadeia, conversar com ele. E

ou Rede Globo, outros mais, quanto ficaram felizes. Tanto que é que quando ele foi preso a Rede Globo estava coincidência né, lógico que não foi coincidência, havia uma, alguma coisa combinada com certeza e ela estava passando e filmou quando ele foi preso (ANDRADE, 2009).

As acusações de charlatanismo, pragmatismo, superficialidade teológica (LIMA, 2010), as prisões de seu líder Edir Macedo e, mais recentemente, um novo indiciamento de lavagem de dinheiro¹⁵, parecem ter criado uma barreira impenetrável junto aos membros da Igreja.

Ouvi em setembro de 2011(dias antes do indiciamento de Macedo), na IURD em uma cidade do interior de São Paulo- depois de muitas idas ao local na tentativa de encontrar o pastor-chefe para uma entrevista- que eu poderia ser serpente em pele de carneiro, que eu poderia não ter boa índole, que entrevistas são realizadas para serem distorcidas e incriminarem a Igreja.

Na verdade, notei que a palavra “entrevista” para os pastores que conversei, no contexto da Igreja Universal, permitiu uma impressão de medo. Todas as minhas tentativas de entrevistas, com ou sem cartas de autorização e identificação concedidas pela Universidade Estadual de Londrina, não foram bem sucedidas com a justificativa de que o conteúdo poderia ser utilizado contra a instituição e o entrevistado ser prejudicado.

¹⁵ Os “pregadores valem-se da fé, do desespero ou da ambição dos fiéis para lhes venderem a ideia de que Deus e Jesus Cristo apenas olham pelos que contribuem financeiramente com a Igreja e que a contrapartida de propriedade espiritual ou econômica que buscam depende exclusivamente da quantidade de bens materiais que entregam”. Acusação do procurador da Republica Luís Martins de Oliveira, no dia 1 de setembro de 2011, a partir de investigações realizadas pelo Ministério Público Estadual. Disponível em : <<http://megacanal.wordpress.com/2011/09/11/bispo-edir-macedo-e-acusado-de-lavagem-de-dinheiro-em-sp>>. Acesso em: 31 de out. 2011.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil no período colonial e imperial era caracterizado pela união entre o Estado e a Igreja Católica, o que impedia a proliferação de outras instituições religiosas no país. A partir da proclamação da República e a conseqüente separação legal-institucional entre Estado e Igreja, o cenário religioso nacional passou por significativas mudanças. A Igreja Católica perdeu seu monopólio e o pluralismo religioso ganhou defesa jurídica. O mercado de bens religiosos e a competição religiosa se estabeleceram no Século XX e possibilitaram às igrejas, como a Universal, conquistar espaço e se destacar dentro do campo religioso brasileiro (FIGUEIRA, 2007).

A expansão da Igreja Universal foi tamanho, que hoje ela se destaca como uma das instituições que mais cresce no país e possui forte influência no exterior. Na busca por entender as razões de tal expansão, encontrei a Teologia da Prosperidade como elemento explicativo fundamental.

A Igreja Universal surgiu em 1977, no Rio de Janeiro, e não parou de crescer desde então. Fundamentada na Teologia da Prosperidade, ela molda os ensinamentos religiosos à sociedade de consumo imediato, realizando uma inversão de valores, de maneira que justifica e torna aceitável a atividade comercial religiosa.

A Teologia da Prosperidade vem ao encontro daquele que sofre. Sinônimo de benção de Deus e sucesso pessoal, a busca por riqueza é um padrão notado nos anseios dos indivíduos que frequentam os cultos. Valorizando a aquisição de bens materiais, constroem um ethos consumista que dá sentido à vida e firma laços com a divindade.

Utilizando de um discurso ambíguo, no qual é preciso não se apegar às suas economias financeiras ou bens materiais para doar e, assim, conquistar mais sucesso financeiro. A Igreja Universal torna aceitável aos seus fiéis suas práticas de arrecadação e com isso, financia seu projeto de expansão.

A partir da dupla via de pregação, caracterizada pelo recebimento da benção por meio da doação à Igreja, a Teologia da Prosperidade torna-se elemento fundamental para a compreensão do sucesso desta instituição. Na busca por legitimidade, a IURD organizou-se de tal maneira que suas influências estenderam-se para além do campo religioso e hoje atingem a esfera política, assistencial e até

mesmo comercial no Brasil e em outros países que foram incorporados em sua estratégia de expansão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Cesar Ribeiro de. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal. 2009. Entrevista concedida a Fernanda Vendramini Gallo.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti; CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. A análise do discurso político. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 30, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2008a.

_____. Discurso e ideologia: reflexões no campo do marxismo estrutural. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 30, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2008b.

ARCA UNIVERSAL: **Hoje o pacto da prosperidade**. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/hoje_o_pacto_da_prosperidade-5186.html>. Acesso em: 05 jun. 2011.

_____. **Em que cremos**. Disponível em: <<http://www.arcauniversal.com/iurd/emquecremos.html>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BARBOSA, Marco Antonio. **Do terreiro ao púlpito- apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010)**. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. : Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Open Publica**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 288-338, out. 2004.

CARVALHO, José Jorge. Um espaço público encantado. Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil. **Série Antropologia**, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://carlosbarros666.files.wordpress.com/2011/03/espac3a7o-encantado.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2011.

CESAR, Waldo. O mundo pentecostal brasileiro. **Cadernos Adenauer nove: Fé, vida e participação**. São Paulo, n. 9, p. 53-69, nov. 2000.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Narcisismo reativo e experiência religiosa contemporânea: culpa substituída pela vergonha? **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 89-94, 2007.

FIGUEIRA, Mara. O Brasil para Cristo. **Sociologia Ciência e Vida**, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 50-59, 2007.

FILHO, José Bittencourt. Do messianismo possível: Pentecostalismo e Modernização. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UESP, 1998.

FOLHA UNIVERSAL. Rio de Janeiro, n. 1.011, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.folhauniversal.com.br/edicoes-antiores-18581.html>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

FONSECA, Alexandre Brasil. Aspectos da presença religiosa em Londrina: situando uma pesquisa. **Revista Mediações**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 217-238, jan./jun., 2001.

IBGE. **Censo Demográfico 1940-2000 - Estatísticas do Século XX**. 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

LANZA, Fábio; SILVA, Cláudia Neves. O Sagrado no cotidiano ocidental: corpo místico e êxtase religioso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=188&limit=100&limitstart=0&order=name&dir=ASC&Itemid=171>. Acesso em: 20 out. 2011.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Trabalho”, “Mudança de Vida” e “Prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, Ano. 1, p. 132-155, 2007.

_____. Anticalvinismo brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2009. Caderno MAIS, p. 6.

_____. “Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.” **Mana**. [online] v. 16, Ano. 2, p. 351- 373, 2010.

MACEDO, Edir. **Vida em Abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

_____. **O Poder Sobrenatural da Fé**. Rio de Janeiro: Unipro, 2008.

MAITRE, Jacques. Sociologia da Ideologia e Entrevista Não- Diretiva. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social, enquete operária**. São Paulo : Polis, 1982.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 112-124, jun. 2003.

_____. **Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

_____. Religião e política nas eleições presidenciais de 2010. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <<http://www.sbs2011.sbsociologia.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

MARIZ, Cecília Loreto. A dinâmica das classificações no pentecostalismo brasileiro. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UESP, 1998.

MEIBACH, Cinthia. **Igreja Universal oferece “Drive-Thru da Oração”**. Disponível em: <<http://iurd.pt/igreja-universal-oferece-drive-thru-da-oracao>>. Acesso em: 31 out. 2011.

MEGACANAL. Disponível em: <<http://megacanal.wordpress.com>>. Acesso em: 31 out. 2011.

MENDONÇA, Antonio G. Pentecostalismo e as concepções históricas de sua classificação. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UESP, 1998.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior Mesquita. Um pé no Reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.13, n. 28, p. 177-144, jul./dez. 2007.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MUZIO, Rubens Ramiro. (Org.) **A Revolução Silenciosa**. Transformando cidades pela implantação de igrejas saudáveis. São Paulo: Sepal, 2004.

NUNES, Tarcílio Divino. O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 127-132. 2006.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo (1977-2005)**.

2005. 276 f. Tese (Doutorado em História e Sociedade) - Universidade Estadual Paulista, Assis. 2005.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Estudos da Religião no Brasil: um dilema entre academia e instituições religiosas. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UMESP, 1998.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORO Ari Pedro. A Política da Igreja Universal e seus Reflexos nos campos Religioso e Político Brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [online] v. 18, n. 53, p. 53-69, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18078.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

PEIRUCCI, Antonio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
RIVERA, Dario Paulo Barrera. Pentecostalismo: uma religião sem memória? In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UMESP, 1998.

SANCHIS, Pierre. Estudos de Religião: Academia e instituições religiosas, um diálogo em construção. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: revisando metodologia, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: UMESP, 1998.

SANTA ANA, Júlio. Estudos de religião: Conflito das interpretações. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: Revisando Metodologia, Classificações e Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: UMESP, 1998.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. Texto e contextos da Fé: o Discurso mediador de Edir Macedo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 114-131, 2007.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o Espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira/UNB, 1981.

TRIGUEIROS, Marian. Fenômeno evangélico multiplica igrejas. **Folha de Londrina**, Londrina, Folha Reportagem, p. 14-15.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Estudos da Religião no Brasil: buscando o equilíbrio entre adaptação e criatividade. In: SOUZA, Beatriz Muniz; GOUVEIA, Eliane Hojaij Gouveia; JARDILINO, José Rubens. **Sociologia da Religião no Brasil: Revisando Metodologia, Classificações e Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: UMESP, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades UEL/ANPUH

“A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal”

Entrevista realizada por Fernanda Vendramini Gallo, no dia 11 de dezembro de 2009, rádio Atalaia, Londrina¹⁶.

Nome completo: Paulo César Ribeiro de Andrade

Ano de nascimento: 27 de junho de 1960

Cidade de origem: Rio de Janeiro

Quando mudou para Londrina ou região? Há quase um ano.

Qual a sua formação escolar/acadêmica? Tenho teologia.

Qual denominação religiosa que está vinculado (a)? Igreja Universal do Reino de Deus.

Esteve vinculado a outra denominação religiosa anteriormente? Até os meus 20 anos, aos 19 anos eu fui católico-macumbeiro. Porque eu ia na Igreja Católica aos domingos e na segunda no espiritismo, mas depois dos meus 19 para os 20 anos eu peguei missão e estou há 30 anos.

E o que o motivou a mudança de denominação religiosa? Eu nasci num berço católico, como a maior parte dos brasileiros. E na minha infância eu ia todos os domingos a igreja, pretendia ser um coroinha né, auxiliar do padre e os meus pais se digladiavam dentro de casa quase que diariamente. Meu pai literalmente tirava sangue da minha mãe agredindo-a, porque ela como diz o ditado não gostava de levar desaforo pra casa, então ela era muito agressiva, e ele acabava por ser mais forte, agredia ela tirando sangue e muitas das vezes ela fugia de casa. Enfim, muitos

¹⁶ Esta entrevista faz parte do Projeto Integrado Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades, vinculado à UEL e a ANPUH e faz parte do processo de avaliação da disciplina de Sociologia das Religiões no segundo semestre de 2009, sob orientação dos professores Cláudia Neves e Fabio Lanza.

problemas de ordem familiar que me levaram a procurar a igreja Universal. Alias, antes disso, então nós mesmos católicos, nós procurávamos os centros espíritas lá no Rio de Janeiro na Baixada Fluminense, procurando solução pros nossos problemas, e a cada dia mais a situação se agravando dentro de casa. É... meu pai dizia que ia beber o sangue da minha mãe e até dos cinco filhos também, e nós vivíamos atemorizados, nós vivíamos é... a insônia se tornou constante, porque pensávamos que um dia a noite ele poderia acordar e assassinar, como a gente vê notícias ai, o pai matou os filhos, matou... então a gente estava caminhando para isso. E a minha mãe então, procurando depois de fazer promessas e tanto as missas não via resultado. Disseram pra ela: “procura um centro espírita, isso deve ser trabalho”, e ela foi fazer os trabalhos que eram mandado fazer e esses trabalhos não adiantavam de nada, muito pelo contrário, parecia que ele estava cada dia pior. Até que, quando eu tinha meus 19 anos, a minha mãe então recebeu um convite da minha tia : “ vamo lá na igreja que tem lá na Abolição”, foi a primeira igreja Universal do Reino de Deus no mundo né, hoje nós estamos em quase 200 países e ela foi a primeira, né. Então nós fomos lá na Abolição, eu garoto, meio incrédulo quanto a mais uma religião a ir, e lá eu ouvi uma das frases que o eu ouvi o bispo Edir Macedo dizer, que era que “Pai rico, filhos ricos”, o pai tem o melhor pros seus filhos. Se ele é rico, se Ele é dono de tudo, que Ele diz “minha prata, meu ouro”, está escrito na Bíblia. Então o pai que tem tudo do bom e do melhor, Ele tem do bom e do melhor não para si, mas para dar aos seus filhos, Ele os ama. Ai eu a partir daquele momento, comecei entender que Deus não queria aquela vida para mim, que eu estava procurando em outros caminhos, podemos dizer assim, a Deus e não encontrava, até que ali eu tive um encontro com Deus, e a partir dali os conflitos, as brigas, as agressões, enfim, os problemas que estavam dentro da minha casa, da minha família, se acabaram. As doenças que eu tinha, eu fui curado, as dores de cabeça constante, o nervosismo, [...] uma coisa ligada a outra né. Por incrível que pareça na semana que eu fui lá na igreja, lá na Abolição, eu estava pensando em me suicidar, porque eu não agüentava mais ver minha mãe perder sangue nas mãos do meu pai, ser agredida, ser machucada. Então eu tava planejando: “eu vou na ponte Niterói”, lá no Rio tem a ponte Niterói né, e tem o Banco central, as pessoas naquela época, na década de 70, pulavam muito a ponte a ponte e se suicidavam. Então isso me motivou também, a me suicidar. E foi na semana que eu fui na igreja,

então aquela vontade que eu tinha de me suicidar, eu perdi a partir do momento que eu descobri que Deus não queria aquilo para mim, queria sim, que eu fosse uma pessoa feliz, minha família fosse feliz. E a partir dali tudo mudou.

Como foi sua vinculação com a formação e a liderança religiosa? A partir do momento que eu me libertei dessa vontade de morrer, dessas coisas ruins. Eu passei a ter um interesse de aprender mais, de querer entender mais e melhor as coisas de Deus, então comecei a ler mais a Bíblia, adquiri uma Bíblia na época da minha libertação e passei a ler a Bíblia quase que... não digo diariamente, mas quase diariamente. E se interessar porque que aquele homem que estava lá na frente que era o líder da igreja, o bispo Macedo, só tinha ele e mais quatro pastores na época. Hoje só no Brasil somos em 10 mil pastores né. Só no Brasil, contando com o exterior deve estar chegando a uns 18 mil pastores, mais ou menos. Ai então ele dizia “não pessoal, Deus quer mudar a vida de vocês, Deus precisa de homens que queiram ser obreiros, que abram mão de suas próprias vidas, que queiram servi-lo”. Então eu me pré-dispus a servir, procurei a direção da igreja e falei olha “eis me aqui”, a gente costuma usar esse termo né” eis me aqui, eu estou pronto, eu quero servir à Deus”. E a partir daquele momento comecei a trabalhar na igreja, ajudar os pastores, com algum tempo depois fiz o curso de teologia e estou até hoje ai né ajudando no trabalho da igreja.

Então, mas obrigatoriamente a Universal não exige um curso de teologia. Vocês tem um curso? Não

Nenhum curso de formação? Eu fiz esse curso, inclusive é... on-line.

Que legal! É não freqüentei, é... só a prova depois que mandamos as respostas pra faculdade lá em São Paulo, mas, obrigatoriamente nós não temos que ter o curso, porque uma vez o bispo Edir Macedo disse uma coisa muito interessante, o tempo que nós perdemos numa faculdade, isso foi há quase 30 anos atrás, o tempo que a gente perder numa faculdade aprendendo muito letra, há pessoas que tão sofrendo lá fora. Então, faz teologia depois fazem antes pra ter a formação, tal, a gente costuma dizer “ter o canudo” né? “Não, sou formado em teologia, sou teólogo”, e só vimos isso depois, posteriormente, a priori a gente procura ver a necessidade do povo. Então, você quer fazer a obra de Deus? Então

você vai. O meu genro é pastor, o meu filho também, ninguém pois, eles próprios que quiseram servir a obra de Deus.

Quando passou a exercer a função religiosa? Foi em 81, início de 81. Abril de 81.

Fazia tempo que estava frequentando? Eu estava a um ano e meio na igreja. *Foi rápido! É, foi rápido!*

E como é? Começa primeiro como obreiro, tem uma certa hierarquia que deve ser cumprida ou não necessariamente? É... há hierarquia sim. Nós somos como jovens, como grupo jovem da igreja, ai dali então nós somos chamados pra entrevista. Se queremos... “Você quer ser um obreiro? A eu quero, quero, quero ajudar na igreja”, ta bom, então a pessoa é um pré, alias, é um candidato à obreiro. Ai ele vai sendo observado, entrevistas serão feitas com ele e com familiar que vem à igreja pra saber com é o caráter dele, a índole dele, a convivência dele com a família e algumas coisas mais. E posteriormente ele é levantado a obreiro, depois ele é levantado a candidato a pastor, né, que é o auxiliar de pastor, e posteriormente ele vem a ser um pastor.

E depois de muito tempo como pastor ele consegue ser um bispo? Ou não, ou tem que ter... Varia muito as vezes depois de 10 anos de pastor, depois de 20 anos, no meu caso... 85 não 81 para 97, são 16 anos, é quando eu fui consagrado, 16 anos então depois de pastor que foi, alias, eu fui consagrado à pastor em 85, teve um período de auxiliar e depois a consagração. De 85 pra 97, 12 anos após a consagração de pastor, eu fui consagrado a bispo.

O que o senhor entende por teologia da prosperidade? Olha eu estava até, você falou no inicio, no começo da entrevista, antes de começar a entrevista, nós temos obreiros, membros da igreja que fazem faculdade e esses assuntos são abordados, muitas das vezes em sala de aula até por professores que não tem nada haver com teologia, nem sociologia, nem coisa parecida. Mas eles abordam pelo fato da Universal estar a anos em evidencia, alguns falam bem, outros falam mal. É como um pastor disse uma vez “falem bem ou falem mal, mas falem da Universal!”, saiu até uma rima ai. E eles então, abordando esse assunto, sobre teologia da prosperidade que a gente não usa na igreja. A gente usa a prosperidade é dom de Deus, nós vemos vários versículos em Isaias em outros livros da Bíblia, Deus

dizendo que é dom dele que nós comamos que nós bebamos que nós tenhamos o melhor. Como eu disse para você à pouco, Deus é pai e um pai que tem prazer, Ele tem prazer em nos dar o melhor. Então por isso nós somos muito enfáticos, quando falamos isso para as pessoas em nossas reuniões. E o que vocês na área da faculdade, vocês chamam de teologia da prosperidade, nós procuramos mostrar ao povo que Deus ele quer que nós tenhamos essa vida abundante, tanto é que Jesus Ele diz lá em João 10,10 “eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundancia”, quer dizer, ele vem nos trazer vida. No que consiste uma vida abundante? É você comer o melhor, é você ter o seu carro zero quilometro... já pensou você ter um carro velho quebrando todo dia na rua, poxa, que vida é essa? Poxa, Meu carro me dá problema todo o dia. É você olhar para sua família e “lá em casa ta tudo doente”. É você olhar pra sua casa, sua casa como se costuma dizer “chove mais dentro do que fora”. Quer dizer, o meu Pai é rico, é dono de tudo, Ele diz “minha prata, meu ouro”. E eu, no entanto, vivo uma vida miserável, meu carro quebrando, o meu salário mau da para pagar minhas despesas básicas, eu não tenho um lazer com minha família, eu não tenho uma vida próspera. Então por isso que hoje, nós temos na igreja ex mendigos, que chegaram na igreja mendigos, maltrapilhos, fétidos. Como a Igreja Universal está de portas abertas tanto para o milionário, quanto o mendigo. Então a pessoa sentou lá no cantinho dela e começou a ouvir o pastor ou bispo, tanto faz pastor ou bispo pregar, que Deus é rico, que Deus que nós tenhamos o melhor, que Deus quer nós tenhamos uma vida farta, abundante. Aí então essas pessoas assim... “poxa, quer dizer que eu sou mendigo e Deus não quer que eu vida assim, Deus é um pai que quer que os filhos seja ricos. A não, eu vou me tornar um dizimista, dos papelões que eu vendo eu vou tirar o dízimo.” Que é a décima parte do que a pessoa recebe que a Bíblia ensina, não é a igreja Universal, não são as igrejas evangélicas que ensinam, mas a Bíblia ensina isso... “Vou começar a tirar o dízimo e vou fazer isso e vou fazer aquilo”. Então essas pessoas começaram a se revoltar com a situação e não com Deus. Muitas pessoas infelizmente vê a situação difícilima e se revolta com Deus, “Deus me deixa nessa vida, Deus não quer... Deus não me ama”. Não! A culpa é da pessoa, a pessoa que procurou de uma maneira ou de outra essa vida. Eu estava em São Paulo em 90, e aí passou um mendigo na porta da Igreja, e eu fui evangelizá-lo, falar pra ele que Deus não queria aquela vida pra ele e tal. E ele disse, “não, já sei já, eu conheço a

Bíblia”. Então por que está nessa vida? “A... porque eu trai minha esposa e não me arrependi, então depois com vergonha daquilo que eu fiz me fiz, eu sai de casa, ai me tornei um alcoólatra, me tornei um mendigo, abandonei tudo”. E eu disse, mas Deus quer isso para o senhor? “Não eu sei que Deus não quer isso pra mim, mas não tem volta”, não sei o que. Ele (mendigo) já colocou na mente dele que a vida dele a partir de então a vida dele teria ser assim. Mas quando a pessoa diz não, se Deus quer que eu seja próspero, Deus quer que eu tenha o melhor nessa terra, então eu quero. Se Deus quer, eu também quero! Então vai se encaixar, a minha vontade com a de Deus, se eu quero o melhor e ele quer o melhor pra mim, então pronto, então, juntou a fome com a vontade de comer.

Então o que é para o Senhor uma pessoa próspera? Olha eu, eu abranjo, eu não restrinjo não, sabe? Eu abranjo tudo. Eu considero uma pessoa próspera... (interrupção de uma funcionária), eu considero uma pessoa próspera, aquela pessoa que ela olha pro seu cônjuge, marido ou esposa e diz assim: “você é feliz comigo?”. “Eu sou feliz com você, eu te amo, você me ama?” “Eu te amo”. Olha pros filhos e diz, olha assim pros filhos e todos saudáveis. Tudo bem. Olha pra conta bancária, nunca no vermelho. Pros bens, “a eu tenho meu carro importado, minha esposa tem o carro dela importado. A, nas férias eu viajo pra Disneylândia, vou conhecer a Europa, Paris, etc., etc... eu olho pra dentro de mim tenho paz interior.” Então a pessoa próspera consiste... a prosperidade, eu, eu, eu abro esse leque, eu abranjo tanto a vida financeira, como a vida familiar, física e a espiritual.

Como se originou essa teologia? Foi com a Igreja Universal? Não o Fernanda. Nós, é o que eu te falo, temos a base a Bíblia. Então lendo a bíblia, vamo lá pro Gêneses, quando Deus, pois Adão e Eva no, no, jardim do Éden, ele deu a eles tudo o que era necessário para uma vida normal. Você vê, hoje a gente tem uma idéia, na bíblia não fala isso, mas a gente tem uma idéia de que por que eles andavam nus, Adão e Eva? Curioso né? Porque não era necessário vestir roupa, a temperatura era amena, a temperatura era ótima, eles não sentiam nem frio e nem calor, Deus estava ali com eles no jardim, então eles tinham do bom e do melhor. O que eles queriam comer, eles tinham. Eles não andavam nus porque eram mendigos, porque faltava alguma coisa pra eles, não. Porque a situação é na qual eles viviam em relação a Deus é, dava condição deles viverem assim nus, não se envergonhavam. Tinham tudo! Tudo o que eles necessitavam, eles tinham. Então a partir desse

princípio, vamos vendo na bíblia que Deus sempre deu tudo do bom e do melhor pros seu filhos, que crêem Nele.

O senhor tem experimentado uma vida próspera? Tenho graças a Deus não me falta nada, né. A minha família, todos saudáveis. Eu, minha esposa, meus filhos eles tem prazer de estar me ajudar na obra. Minha filha dizia “papai o meu sonho é casar com um pastor”, e casou-se, eu nunca impus, nunca disse pra ela “minha filha você tem que casar com um pastor”, não, ela própria decidiu. Meu filho dizia “a pai meu sonho”... eu quando cheguei aqui agora, tinha ido lá na igreja agora ver meu filho, que ele tava na igreja aqui em Londrina,... “não meu sonho é ser pastor também como o senhor”. “É isso que você quer meu filho?”. “É pai, é isso que eu quero”. “Então ta bom.” Então não nos falta nada, Deus tem suprido todas as nossas necessidades, e elas, sejam elas físicas ou até mesmo espirituais né, porque não nos falta pais, amor, certeza de que o amanhã Deus estará conosco, protegendo, nos abençoando, nos evitando o mau, etc., etc., etc.

Foram assuntos de jornais e revistas de grande circulação os processos que Igreja vem recebendo. Eu gostaria de saber como o senhor vê isso? E qual a razão das pessoas fazerem isso? Olha, eu vou de novo pra bíblia. Quando Jesus aqui esteve, a dois mil anos atrás, ele era perseguidíssimo. Onde ele chegava ele era perseguido. Ele era ameaçado de morte, preso. [...], por exemplo, mais não conseguiram leva-lo até os religiosos da época. Na outra vez que ele foi preso, conseguiram então, e houve ai a crucificação, como todo mundo sabe. Então, naquela época ele era perseguido, por quê? Porque ele se levantava muito contra as óceis do mau. Existiu as óceis humanas, que eram homens comandados pelos césaes da época, que é Roma que comandava o mundo. E existia também, as óceis do inferno, que são os espíritos né que atuam nas vidas das pessoas. Então essas óceis sempre procuraram impedir, tanto é que quando Maria teve Jesus, o que é que aconteceu? Ela teve que fugir pro Egito. Ficou durante dois anos no Egito escondida, porque se ela ficasse lá eles tentariam matar o menino Jesus, quando ele nasceu. Então a perseguição, desde o nascimento dele foi notória. Como desde o nascimento da Igreja Universal, foi notório. No início a igreja é muito perseguida por pessoas religiosas que cultuavam os espíritos, as entidade, e por nós combatermos não a religião em si, mas os espíritos enganadores que atuavam naquelas pessoas de uma forma direta ou indireta que destruindo vidas. Se, se você

me perguntar, vou ficar aqui até amanhã dizendo quantas pessoas eu já conversei e estavam com espíritos em suas vidas, fazendo-as é... pensar em morte, em tirar a vida de alguém, coisas desse gênero. Então, quantas pessoas nós já vimos nesses 30 anos na Igreja Universal? Muitas, mas por quê? Por que essas pessoas usadas pelas forças do mal, queriam fazer coisas negativas. Quando uma vez expulsa esses espíritos, quando eu dizia “em nome do Jesus, sai!” Eles saíam, obedeciam o nome de Jesus, saíam, e as pessoas se libertavam e passavam a ter outra mente. Passavam a ter vontade de viver, de perdoar, de amar o próximo, independentemente se o próximo dele não gostasse dele, ele passava a gostar daquela pessoa. Quer dizer, a cabeça da pessoa mudava completamente, porque o que fazia ela pensar negativamente era o espírito. E aquele espírito uma vez expulso de dentro dela, pronto ela ficava livre dele, e usava do pensamento dela, que era bom. Então por essa razão que a gente vê essa perseguição até hoje. Os espíritos usa as pessoas contra a gente, pra tentar impedir o crescimento da Igreja. Hoje nós temos no mundo inteiro a Igreja, mas você imagina as lutas, as lutas. Eu lembro quando o bispo Macedo foi preso, não sei se você já ouviu falar isso. Eu estava lá em São Paulo na época, e fui visitá-lo na cadeia, quase todo dia eu ia visitá-lo na cadeia, conversar com ele. E ou Rede Globo, outros mais, quanto ficaram felizes. Tanto que é que quando ele foi preso a Rede Globo estava coincidência né, lógico que não foi coincidência, havia uma, alguma coisa combinada com certeza e ela estava passando e filmou quando ele foi preso. Então, mas foi preso por quê? Todos os crimes pelos quais, eu não me lembro quais são os momentos, artigos também, isso não importa, não vem ao caso. Mas tudo, todas as acusações pelas quais ele passou, ele foi absolvido, em todas elas. Na foi provado contra a Igreja, e contra o bispo Edir Macedo.

Então é possível afirmar que existe uma relação entre falta de prosperar e interferência demoníaca? Com certeza, sem sombra de dúvida. Sem sombra de dúvida.

Por que as pessoas de outras religiões não prosperam? Porque não usam essa fé que nós usamos. A resposta, essa é a menor resposta que eu tenho pra te dar. Não usam a fé que nós usamos, porque nós acreditamos e usamos a fé. Não, Deus vai fazer e eu creio. Vou ser fiel a ele nos meus díizimos, nas minhas ofertas. E conforme está escrito “daí, e servos-a dado” escrito lá em João também, mas agora

não me lembro o livro... o capítulo. “Daí”, quer dizer eu tenho que dar,” e servos-a da dado” quer dizer, me será dado. Ai ele diz boa medida, recalçada, sacudida e transbordante. O que que cê lembra de alguma coisa transbordante? Tem tanto que ta caindo né, transbordante. “Vos o darão”, então ele fará com que chegue em minhas mãos algo muito maior do que eu possa segurar. Porque diz, transbordante né. Quando ta transbordando alguma coisa não da pra gente segurar, não é verdade? A gente até tenta, mas ta transbordando.

Por que algumas pessoas da própria Universal não prosperam? Eu te respondo com a, com a mesma resposta. Por que não usa essa fé. Porque olha só existe pessoas e pessoas. Você tem um metro e?

Tenho 1 metro e 77.

Eu tenho 1,58. Então você vê que há pessoas baixas, altas, magras, gordas, assim como na Igreja Universal. Há pessoas que dizem assim, “não... eu me contento, olha eu cheguei na igreja desempregado e tal”. To usando como se uma pessoa tivesse falando. Cheguei desempregado na Igreja Universal, doente, perturbado. Poxa hoje eu ganho um salário de um mil e 500 reais onde eu trabalho hoje, eu tenho saúde, não me falta nada, eu to bem. Graças a Deus eu to bem sim. Outros já diz “não, eu quero mais, eu não aceito essa situação, se eu posso ter uma vida arregalada, seu eu posso comer do bom e do melhor, se eu posso conhecer o mundo, conhecer o Brasil do lapóque ao Chuí, pois se eu posso ter esse privilégio de levar minha família, eu com mil e quinhentos reais vou fazer isso nunca, mas se eu ganhar 50 mil reais por mês, eu farei”. Como nós temos hoje lá na África o seu Chipa, ele morava numa favela na África do Sul, ele ganhava acho que 300... 500 dólares por mês, parece, uma coisa assim. E foi pra igreja, quando ele ouviu sobre o que vocês costumam dizer Teologia da Prosperidade, que nós costumamos falar só prosperidade, não usamos a palavra teologia. E ele disse não, eu vou ser vencedor, eu quero ser rico. Hoje, eu não sei em quanto ta avaliado o patrimônio dele, mas ele ganha dois milhões de dólares por mês. Sabe quem vai comandar na Copa do Mundo do ano que vem a segurança da Copa do Mundo? A empresa dele. Já fez um contrato milionário com o governo da África do Sul, pra empresa dele. E é da Igreja Universal! O membro da Igreja Universal ficou rico, morava numa favela, fico rico. E hoje vai comandar toda a segurança da Copa do Mundo na África do Sul.

Ficou milionário né? Milionário, exatamente. Já pensou ganhar dois milhões por mês de dólares, são quase quatro milhões de reais.

[...]

Muito obrigada.

De nada, espero ter podido lhe atender.

Esclareceu muitas dúvidas. Foi é?

Foi uma entrevista com muito conteúdo. A... que bom! Espero que você tire nota mil. Que bom!